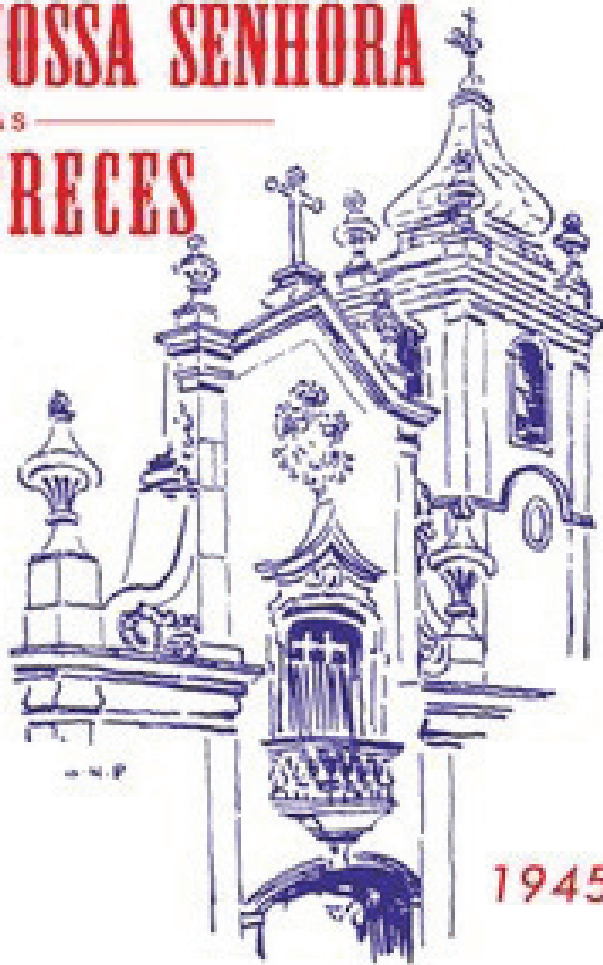


P. AUGUSTO NUNES PEREIRA
P. MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

NOSSA SENHORA

DAS

PRECES



1945

Digitalização para reedição impressa: Pedro Damião
Montagem do livro em formato digital: Fernando Félix

História do Santuário
de
Nossa Senhora das Preces



NOSSA SENHORA DAS PRECES

História do Santuário
de
Nossa Senhora das Preces

Desde o aparecimento da Virgem
até aos nossos dias

PELOS

P. Augusto Nunes Pereira

Prior de Côja

e

P. Mário Oliveira de Brito

Prior da Aldeia das Dez



1945

Tipografia das «Missões Franciscanas»

BRAGA

Nihil obstat

P. José Augusto Rodrigues Amado

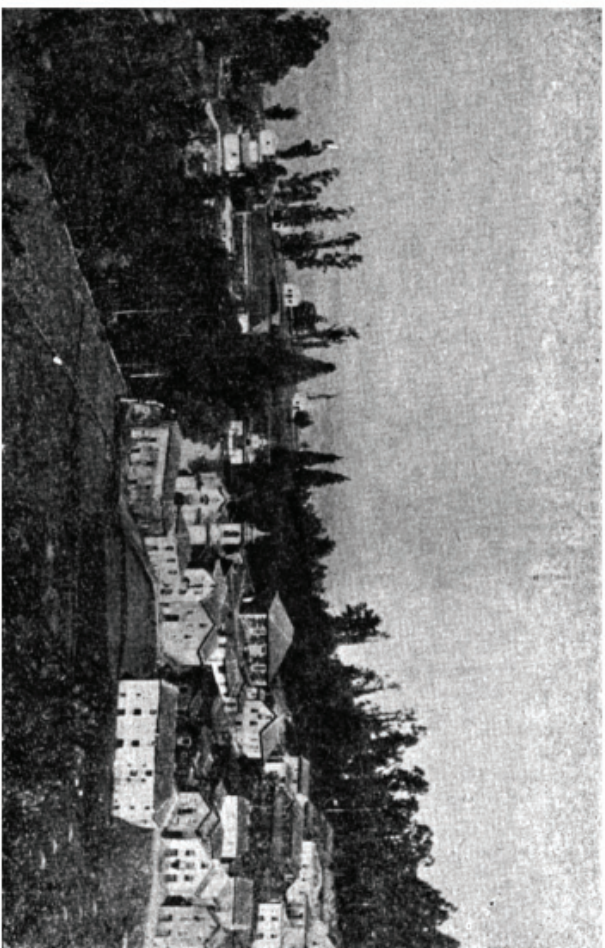
Imprimatur

Conimbricea, 20 Februarii 1945

† **António**, *Bispo de Coimbra*

Aos pés de Maria Santíssima nossa querida Mãe, Madrinha e Protectora, depomos êste humilde trabalho, feito para conhecimento das suas maravilhas e para sua maior glória, pedindo se digne abençoá-lo

Os Autores



Vista geral do Santuário

À maneira de prefácio

Se viesse a tornar-se realidade o lindo sonho de organizar uma grande monografia das Beiras, era justo começar por um santuário dedicado à Virgem, para render homenagem à excelsa Padroeira de Portugal e para vincar bem a devoção que lhe consagram os povos beirões.

A grande monografia, e quem sabe se virá? Mas o principio dela – a história e a descrição dum dos mais famosos santuários marianos – aqui se apresenta singelamente, sem grande aparato mas com todo o carinho.

O santuário de Nossa Senhora das Preces bem merecia um estudo cuidadoso, e os seus admiradores e devotos de há muito o vêm reclamando. Lendo velhos livros, percorrendo páginas e páginas de registos de irmandades, e examinando atentamente os monumentos, puderam os autores reunir alguns elementos curiosos para a história do santuário. Nessa tarefa muito os auxiliou o distinto investigador Sr. Dr. Augusto Cid,

fornecendo-lhes cópias de documentos da Torre do Tombo, pelo que bem justamente, aqui ficam expressos os mais profundos agradecimentos.

Que a virgem Maria se digne abençoar esta pequena monografia escrita e publicada com a intenção de a honrar e de aumentar o seu culto no Santuário do Vale de Maceira.

Vem a propósito citar as palavras do prefácio dum velho tratado: «Emende e acrescente quem souber, aprenda quem não souber e todos dêem glória ao Senhor e à Virgem».



O Santuário de Nossa Senhora das Preces

DESDE as mais remotas eras da nacionalidade portuguesa se começaram a erguer igrejas e capelas dedicadas à Virgem Mãe de Deus.

À medida que se conquistava aos mouros o solo desta faixa ocidental da Península, começavam a cavar-se os alicerces e a levantar-se as paredes de grandes templos, como a igreja de Santa Maria de Alcobaça, a catedral de Santa Maria de Coimbra, e tantas outras.

Mas não era só nas cidades e terras populosas. Também nas aldeias e vilas da Beira, nas margens do rio ou no alto dos montes se levantavam, pouco a pouco, igrejas e ermidas. Com o andar do tempo, o seu número foi aumentando. Arganil fundou o Santuário do Monte Alto; Côja construiu a capela de Nossa Senhora das Neves; Vila Cova a igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Natividade; Avô dedica à Virgem a sua igreja Matriz e a ermida de Nossa Senhora do Mosteiro; São Romão funda o Santuário de Nossa Senhora do Desterro; Aldeia das Dez levanta no alto do Colcurinho (1), e

(1) outros escrevem Colcorinho. O povo muitas vezes pronuncia Cocurinho e Cucurinho. A origem deste nome, segundo alguns provém do nome de um general romano que se teria estabelecido no castro ou castelo que ali existiu. Em nossa opinião a palavra Colcurinho designa um monte elevado e aguçado.

perguntas a que pretendemos dar uma resposta, na medida dos poucos elementos que conseguimos obter.

Todos os autores que se têm referido ao Santuário dizem que ele é frequentadíssimo de romeiros, e um dos mais afamados de toda a beira, mas nenhum aponta a data da sua origem.

Ora, numa fria manhã de Novembro, os autores deste modesto estudo empreenderam a ascensão do monte de Colcurinho. Passaram no Vale de Maceira, ao lado do Santuário, e foram subindo encosta acima pelo caminho dos devotos peregrinos que lá vão nos dias de romaria e no regresso cantam:

Nossa Senhora das Preces,
O vosso altar é de fitas;
A Senhora do Cabeço,
Manda-vos muitas visitas.

A subida é um tanto difícil, pois o cabeço é elevado (1242 metros), e o caminho íngreme e áspero. Mas por fim chegamos ao alto.

Lá está a capelinha de Nossa Senhora das Necessidades, no lugar onde esteve a primitiva de Nossa Senhora das Preces. É uma ermida simples, com sua porta virada ao poente, ladeada por duas frestas; com seu altar, feito por José Tavares, artista que foi de Aldeia das Dez; com sua imagem bastante cuidada.

Ao lado está a desmoronar-se uma casa que teria sido a casa do eremitão, destinada para abrigo nos dias de romagem. Diz-se que foi feita por Genoveva do Espirito

Santo, a fundadora do Mosteiro do Desagravo do Santíssimo Sacramento, de Vila pouca da Beira, e que ela ali viveu algum tempo (1).

Tinham-nos dito que existira ali um castro ou castelo. Procuramos-lhe os vestígios, e efectivamente lá se conhecem ainda os alicerces de duas paredes, paralelas ás da capelinha.

Mas o que mais nos despertou a curiosidade foi o Cruzeiro que se encontra em frente da capela e as inscrições que nele estão gravadas.

O cruzeiro é recente. Na base retangular tem os seguintes dizeres: (na face da nossa direita): SUBSTITUÍDA EM 1925; (na face da esquerda): PELO PRESIDENTE M. L. F.; (na frente): APARESEU AQUI N. S.a DAS PRESES ANO DE 1371.

Vê-se pela inscrição que existiu ali outro cruzeiro, o qual, tendo-se desmantelado, foi substituído pelo actual, e que houve o cuidado de copiar a inscrição do primeiro. Mais: o benemérito presidente da Irmandade de Nossa Senhora das Preces, Manuel Lourenço Fernandes, que mandou fazer o actual cruzeiro, teve ainda o cuidado de conservar a antiga inscrição, encastoando-a no muro, ao lado do cruzeiro. Essa pequena pedra mutilada, patinada pelo tempo, é o mais antigo documento escrito à cerca do Santuário de Nossa Senhora das Preces.

Não houve remédio se não desenhar o actual cruzeiro e a velha inscrição, embora com as mãos enregeladas pelo

(1) Sobre a Tia Genoveva e a fundação do Convento de Vila Pouca, veja-se: Dr. António de Vasconcelos, *A Árvore Franciscana...* na diocese de Coimbra, in-ESTUDOS, 1926, Agosto a Outubro.

vento cortante que vinha da Estrela, e que ali, naquele pico aguçado, parecia penetrar até aos ossos.

Observando-se o desenho, verificamos que não foi copiada fielmente para o novo cruzeiro a inscrição primitiva, a qual dizia (reconstituído o que já falta):



NESTE LUGAR APARECEU N. Sra. DAS PREÇAS. NO ANO D. 1371. Na cópia, o sentido ficou o mesmo, apenas mudando *Pressas em Preses* (por *Preces*).

De quando data a inscrição? Não se poderá saber ao certo, mas não é anterior ao século XVI, nem

provavelmente posterior ao XVII. Que não é anterior ao século XVI vê-se pelo tipo de letra empregado.

Nenhum autor se lhe refere que nós saibamos. (1) Se fosse conhecida, tê-la-iam mencionado, pois era um documento valioso. Frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano*, narra o aparecimento mas diz que se não sabe o ano. Concluiremos daí que a inscrição é posterior a 1712, ano em que ele publicou a sua obra? Não, porque a inscrição podia já a esse tempo estar perdida no mato, como esteve muitos anos até ser descoberta e aproveitada pelo referido Mesário.

A inscrição não diz que apareceu uma imagem, mas sim que apareceu Nossa Senhora. A muitos santuários se ligam referências semelhantes, mas este tem a testar o facto a valiosa inscrição, que, a ser verdadeira, faz remontar o culto de Nossa Senhora das Precês à segunda metade do século XIV. Será, assim, um dos mais antigos santuários da Beira.

E não admira que cedo ali se edificasse uma ermida, pois o Colcurinho, pela sua elevada altitude e pela sua forma aguçada, sobressai por entre os montes vizinhos, avista-se de longe e de várias terras, ora dourado pelo sol poente, ora branquinho pelas neves nos dias mais frios do inverno, e assim toma aspectos de monte sagrado, bem próprio para nele se edificar uma ermida à Virgem Mãe de Deus, para que ali os devotos, afastados do mundo e

(1) José Lencastre num dos seus *Contos para o Céu*. (página 176), diz que pelo Padre António Simão Correia fora encontrada no Colcurinho a torça da porta da primitiva capela com a era de 1326. Desconhecemos a existência dessa pedra.

modificados pela penitência da jornada, lhe erguessem fervorosas preces ou sentidas acções de graças.

Nas redondezas há outros cabeços ou picôtos elevados, que foram assinalados por marcos geodésios, tais como o Picôto de Cebola, donde se avista a beira Baixa, e as «casas de S. Pedro», o Picôto sobranceiro ao Piódam. Mas nenhum apresenta, visto de longe, o perfil do Colcurinho, o monte sagrado da Beira, no topo do qual a Virgem demora desde meados da Idade Média.

Frei Agostinho de Santa Maria, com o exagero próprio de quem não subiu a escabrosa ladeira mas lhe ouviu narrar a fama, diz do Colcurinho: «É esta serra tão alta que parece competir com as estrelas; porque sobrepuja muito a altura das nuvens, as quais se vêem ordinariamente muito mais rasteiras. E assim dizem que dela se vê a cidade de Lisboa que lhe fica distante algumas cincoenta e cinco léguas; mas quando o não seja, porque parece impossível, serão os seus horizontes».

Embora se não veja Lisboa, observa-se um panorama vastíssimo que só por si compensaria o viajante da trabalhosa caminhada.

Depois da inscrição referente ao aparecimento de Nossa Senhora no alto do Colcurinho em 1371, o autor mais antigo que se refere ao facto e ao culto que se lhe seguiu é o citado Frei Agostinho de Santa Maria. No fim deste livro encontrará o leitor a cópia do que ele escreveu. Vamos servir-nos dele para continuar a história do Santuário de Nossa Senhora das Preces.

Diz ele: «A forma com que esta Senhora apareceu não conta; mas tem-se por tradição constante fôra a uns

pastorinhos, porque à altura daquela serra só estes podem lá ir com a ocasião de apascentarem os seus gados.

Também não consta do tempo e ano em que apareceu, e desta falta de notícia me confirmo a ser muito antigo o seu aparecimento».

Os pastores, tendo achado a imagem, vieram dar a notícia ao pároco de Aldeia das Dez, que resolveu de acordo com os seus fregueses, traze-la para a igreja paroquial, atendendo ao inacessível do monte onde ela fora descoberta. Demos a palavra ao mesmo autor: «Porém na sua maior alegria se acharam frustrados porque como a Senhora queria ser venerada na mesma serra, primeira e segunda vez fugiu da igreja para o primeiro sitio. À vista de lhes significar naquelas fugas que a sua vontade era estar na serra, lhe edificaram nela uma edícula. Mas como não se podia lá ir, a mudaram depois para outra que se lhe fez em sitio mais largo e acomodado, ainda que fosse na mesma serra, contando que o terreno fosse capaz; mas que ficasse mais fácil a todos o poderem buscar e venerar a Senhora».

Convém notar que a aparição de Nossa Senhora, referida na inscrição, pode não coincidir com o aparecimento de uma imagem a que se refere a tradição e o citado autor do Santuário Mariano. Podem ser dois factos distintos e distanciados no tempo. Ao aparecimento da Virgem seguir-se-ia a edificação duma capelinha. Esta, com o andar do tempo e o inacessível do lugar, ter-se-ia desmoronado, e a imagem teria ficado perdida no meio dos escombros. Mais teria sido encontrada pelos pastores, e teria, assim, renascido o seu culto. Desta forma não há contradição alguma, nem

sequer aparente, entre a narração da pedra e a narração do cronista.

Transferência para o Vale de Maceira

Quando se deu a mudança da imagem e Santuário de Nossa Senhora das Preces para o lugar que hoje ocupa, no Vale de Maceira?

O grande e saudoso mestre que foi o Dr. António de Vasconcelos diz que foi no século XVIII (1). Mas em que altura?

Frei Agostinho de Santa Maria, que publicou a sua obra em 1712, já se refere, como vimos, à mudança. Mais: diz ele: «Depois, com as suas muitas maravilhas que operava, foi crescendo dia a dia a devoção nos povos, e assim se resolveram seus devotos a que se lhe edificasse uma Casa muito grande (que é a que hoje vemos) e capaz de entrarem todos».

Mais adiante fala de «muitas casas de romagem, aonde os devotos e peregrinos descansam», e de «várias ermidas da Paixão», e de como já tinham descoberto água e feito um formoso chafariz de pedra.

Ora, como nota o Snr. Augusto Cid (2), estas obras não se fazem de um jacto, mas levam anos, o que faz supôr que a transferência se teria dado já no século XVII, ou pelo menos no principio do século XVIII.

(1) Obra cit.

(2) In-Noticias de Oliveira do Hospital, n.º 28 (1936).

Se, porém, examinarmos os restos arqueológicos ainda existentes, concluiremos que de facto o Santuário do Vale de Maceira já existe desde o século XVII. Com efeito, por cima duma porta da casa do púlpito, que deve ter sido das primeiras a construir-se, lê-se a seguinte inscrição:

1673 A 15 DE MAIO

e noutra porta da mesma casa, outra data ainda mais antiga: 1662.



Sendo pois esta casa do século XVII, como o seu aspecto e as datas indicam, e sendo lógico e natural construir-se primeiro a capela e depois os edificios anexos, temos de concluir que já data do século XVII o Santuário de Nossa Senhora das Preces no Vale de Maceira.

Onde foi a primeira ermida no Vale de Maceira?

Frei Agostinho de Santa Maria, que se refere à transferência para sítio mais largo e acomodado, embora na mesma serra, não precisa bem o local onde se ergueu a nova ermida. Julga o Snr. Dr. Augusto Cid (1) que possivelmente já foi próximo do sítio onde depois se edificou a grande Casa ou Igreja que actualmente serve, e à qual já se refere Frei Agostinho.

Ora nós julgamos ter motivos, não só para dar razão ao Snr. Dr. Augusto Cid, mas também para precisar com certa probabilidade o lugar dessa primeira ermida.

Na actual igreja de Nossa Senhora das Preces há uma capela lateral dedicada à Nossa Senhora da Boa Morte que tem uma janelinha chanfrada interior e exteriormente; contígua a essa capela há uma pequena sacristia com outra janela semelhante. Ambas essas janelas são inteiramente diversas das outras janelas da igreja, e indubitavelmente mais antigas. Da pequena sacristia (que hoje apenas serve de passagem para o púlpito), há uma porta para a capela da Senhora da Boa Morte. Isto leva à conclusão de que a referida capela foi o primeiro Santuário de Nossa Senhora das Preces antes de se construir a actual igreja. Ao edificar esta, devem ter demolido o corpo da primeira, deixando apenas a capela mór e a sacristia.

A corroborar esta hipótese há o facto de a casa do púlpito, como atrás dissemos, ser anterior á actual igreja,

(1) In-Jornal citado, n.º 17 (1936).

e não é natural que essa casa se construísse longe da primitiva ermida.

Nesta hipótese a capela estava orientada segundo o costume, com a porta virada ao poente. Depois, para poderem construir um templo mais cumprido, tiveram de lhe mudar a orientação, pois doutra forma não havia espaço.

Desde então, a história das transformações que se operaram naquele hoje tão aprazível lugar daria um belo capítulo de geografia humana.

Segundo o cadastro da Beira, mandado fazer por D. João III em 1527, o Vale de maceira (Vall de macieyras) tinha então cinco fogos. Era pois um pequeno casal. Por seu lado o terreno era «montuoso e agreste»; porque nêle não havia água, nem terra em que se podesse plantar uma árvore, e está cercado de matos silvestres, como estevas, orges e outros matos desta qualidade».

Era assim o Vale de Maceira antes da bênção da Senhora das Preces. Mas desde que ela desceu lá de cima do Colcurinho para lugar mais acessível, os peregrinos afluíam de perto e de longe, «de mais de dez léguas em redor (1)», tornando-se «uma das maiores romagens de tôda a Beira, e o Santuário mais frequentado de tôda ela»(2).

(1) Dr. António de Vasconcelos, lugar citado.

(2) Frei Agostinho de Santa Maria, obra citada.



Fachada principal da Igreja de Nossa Senhora das Preces

Nossa Senhora das Preces na vida dos povos da Beira

SE Portugal é o jardim da Europa à beira mar plantado, as terras lindas das Beiras são o jardim de Portugal plantado no seu próprio coração e o Santuário de Nossa Senhora das Preces é o mais viçoso e lindo canteiro a que a natureza emprestou o encanto das suas paisagens e a Religião deu o perfume da piedade cristã.

O Santuário de Nossa Senhora das Preces, cuja data da fundação se perde na contagem dos tempos, foi desde sempre um centro de piedade que exerceu grande influência na vida dos povos da Beira.

Situado quasi no cimo dum dos montes da Serra da Estrela, dali a vista alonga-se em rasgados horizontes, sendo por isso um dos mais encantadores mirantes da serra.

Os devotos, sinceramente crentes, podem ver de grandes distâncias as capelinhas brancas, espalhadas pela montanha e para elas volver seus olhares nas horas tristes e aflitas da vida, implorando da boa Mãe do Céu o alívio para as suas dores, remédios para os seus males, lenitivo para as sua lágrimas, alento e conforto para os seus corações; e a Virgem que nunca deixa de atender quem a ela recorre confiadamente, faz então descer do céu a chuva das suas graças.

Todos os anos milhares de devotos ali vão agradecer seus favores e beijar reconhecidamente as mãos de tão carinhosa Benfeitora.

Por isso este Santuário é o mais célebre Santuário da Beira e pelo qual o povo beirão sente mais devoção e simpatia. Para o povo crente das Beiras, para a gente boa e humilde do coração de Portugal é o altar sagrado, o altarmór onde a Virgem é mais venerada, onde ajoelha e suplica, onde reza e canta.



Capela dos Apóstolos

Quantas caminhadas para lá chegar... quantos sacrifícios para cumprir fervorosos votos... Mas a gente sente-se ali bem, parece-nos que estamos mais perto de Deus e deixa-se o coração à vontade para que só ele fale e desabafe e por isso as orações são mais espontâneas, mais suaves e mais confiantes. E a virgem Senhora das Preces parece ouvir as nossas preces e sorrir num doce sorriso que enche a alma dum indizível contentamento e de consoladoras esperanças.

Através dos tempos inúmeras graças tem a Senhora das Preces concedido aos seus fieis devotos.

No Santuário mariano de Frei Agostinho de Santa Maria, publicado em 1712 diz-se que «a igreja está toda revestida das memórias e insígnias das maravilhas e prodígios que tem operado que como troféus publicam as vitórias que há alcançado contra a morte e enfermidades».

No documento, por nós citado, Informação Paroquial de 1721 se diz que «em o casal de Vale de Maceira há uma capela com a invocação da Senhora das Preces a qual é muito frequentada de gente de diversas partes por razão dos contínuos milagres que experimentam por intercessão da mesma Senhora».

A confirmar esta afirmação encontramos ainda hoje nas paredes da ermida da Senhora das Preces pequenas tábuas rusticamente pintadas com a descrição das graças obtidas:

«Milagre que fez Nossa Senhora das Preces a Isabel Ribeira da cidade de Coimbra 1723».

«Milagre que fez N. Senhora das Preces a João Diogo da Crs. daldeia das Dez. residente em Vila Cova que estando com huma grande duença de fevre gastica e cresimos este se apegô com a N. S.a e se achô bom em agosto d 1864».

« M. q. fes N. S. das Presses a hua menina f. a de M. do Barreiro acoal

faltando de casa por duas oras a foi achar sua mãe afogada em hu, poço e tirando.a para fora chamo por nossa S.a das Presses lhe acodio e deu vida lançando m.a agoa pella boca começou abrir os olhos a ter vida 1771».

Há ainda outros ex-votos já poucos legíveis com datas de 1885, 1878 e outros que não têm data alguma, mas que da mesma forma atestam graças recebidas e a gratidão de quem as recebeu.

Estamos absolutamente convencidos de que o Santuário da Senhora das Preces deve ter contribuído imensamente como centro de irradiação, para o desenvolvimento da piedade e vida cristã nos povos da Beira.



Entrada para o recinto do Santuário

O período de tempo que vai de 1700 até 1800, ou pouco mais, deve ter sido a época de maior vida interior, o período áureo das grandes manifestações de piedade. Por ali e nessa época devem ter passado sacerdotes ilustres e piedosos que souberam dar aos fiéis uma sólida formação religiosa. (1)

Os quatro confessionários que existem na capela não devem ter estado muito tempo vazios, durante as principais festas e noutros dias do ano.

De resto, no século XVIII, por toda a Beira se manifestou um grande incremento religioso. Bautista de Castro, citado por José Leite de Vasconcelos (2) escreveu as seguintes linhas que dão ideia sumariíssima do estado do Cristianismo na Beira no 3.º quartel do século XVIII: «Há nesta província a maior porção das comendas do reino; sustenta mais de quarenta e quatro conventos de religiosos de várias Ordens e vinte e três de religiosas; muitas igrejas com côro em que se reza o ofício divino; inumeráveis abadias e ermidas».

Época de decadência

Com a onda do liberalismo que, vindo de França, assolou Portugal; com a extinção das Ordens religiosas e com a decadência dos costumes, a vida religiosa

(1) Frei Fortunato de S. Boaventura, em *Modelos de Heroísmo Christão*, Coimbra, 1823, refere-se a um Frei Simão de Jesus Maria, que nasceu em Tonda, bispado de Viseu, em 1750, vindo depois, em 1792, para Vila Pouca da Beira, e dali ia frequentes vezes à Senhora das Preces, «teatro onde se desenvolvia de quando em quando o seu tão vivo como abrazado empenho pelos Cultos da Rainha dos Martyres». A tradição acrescenta que Frei Simão viveu muito tempo no Vale da Maceira, onde tinha um quarto nas dependências do Santuário.

(2) *Etnografia Portuguesa*, vol. III, pág. 238.

Santuário decaiu imenso, dando lugar a grandes esbanjamentos das esmolas, e aos arraiais espalhafatosos e barulhentos, sempre caros e nunca proveitosos.

Felizmente que hoje por toda a parte se procura restaurar as festas religiosas, restituindo-as ao primitivo fervor e desterrando delas tudo o que seja pagão.

Neste sentido, também alguma coisa se tem feito no Santuário de Nossa Senhora das Preces. Tem-se cristianizado as festas e tem-se realizado peregrinações e sessões de estudo, como preliminar do que virá a ser, segundo esperamos, a acção piedosa e cultural do venerando Santuário.

Indulgências concedidas pelo Sumo Pontífice

O Padre Paulo da Fonseca, que dizem ser natural do Goulinho e que foi priôr da Aldeia das dez, pediu em 1788 ao Sumo Pontífice a concessão de várias Indulgências.

Sua Santidade, o Papa Pio VI, concedeu Indulgência Plenária a todos os fiéis cristãos que, arrependidos, tendo-se confessado e comungado, visitarem a igreja de Nossa Senhora das Preces nos dias das festas do Espírito Santo, ou noutro dia designado pelo Ordinário.

Ainda hoje, nestes dias de festa, muitas dezenas de peregrinos se confessam e comungam para ganharem estas Indulgências.

A Romaria de Senhora das Preces

UMA das maiores e mais movimentadas romarias da Beira é, sem dúvida alguma, a da Senhora das Preces, por ocasião da tradicional festa do Espírito Santo.

Nem o empinado e fragoso do terreno, nem as poucas ou nenhuma comodidades evitam que naqueles dias milhares de pessoas subam a serra, por vezes bem elevada e agreste, ou transponham montes e vales por caminhos ásperos e difíceis.

Já na sexta feira começam a chegar alegres ranchos deromeiros com seus trajes domingueiros e garridos e no sábado, então, desde o romper da aurora até noite escura, os ranchos não cessam e os caminhos cheinhos de gente despejam no lindo e formoso Santuário centenas de pessoas atingindo no domingo muitos milhares.

É interessante ouvir de vários lados aqueles córos populares acompanhados dos instrumentos que trazem:

Virgem Senhora das Preces
Pequenina e formosa
Vem gente de muito longe
Para ver tão linda rosa.

Lá ainda em baixo, mas já perto ouve-se cantar.

Virgem Senhora das Preces
Vinde abaixo, dai-me a mão;
A ladeira é comprida
Falta-me a respiração.

É gente dos lados de Pomares ou Alvoco de Varzeas. De facto daqueles lados os caminhos são bastante íngremes, mas quem quer festa... sua-lhe a testa, depois em lá chegando já não custa.

Vem gente de muito longe, de terras distantes, tendo de palmilhar muitas léguas para virem cumprir as suas promessas: de Ceira, perto de Coimbra; do Carregal do Sal, de Unhais da Serra, de Loriga, de Cebola, da



Missa campal em 8-IX-1940

Panasqueira; gente das terras dos concelhos vizinhos: Arganil, Seia, Pampilhosa da Serra, além de muitas centenas de pessoas vindas dos lados de Castelo Branco, de São João da Madeira, perto do Porto, e Penacova.

Durante todo o dia de sábado e domingo do Espírito Santo o movimento em volta da capela não cessa um instante. Os peregrinos cumprindo as suas promessas, ora de pé, ora de joelhos, mostram a sua Fé e sacrifício com que muitas são realizadas.

Dentro da capela os actos religiosos decorrem com

muito respeito, com muita piedade e concorrência de fiéis. Os sacerdotes não têm mãos a medir, porque são muitos os romeiros que desejam confessar-se: dezenas de homens, de mulheres, e de rapazes aproximam-se dos confessionários para obter o perdão de suas culpas.

No sábado é costume haver missa cantada, sermão, ao meio dia e à noite pregação, terço com cânticos apropriados. No domingo, dia da festa, logo de manhã há missa rezada com comunhão geral dos peregrinos; ao meio dia há missa cantada a grande instrumental, sermão por distintos oradores sagrados, seguindo-se a grandiosa procissão que é de facto um dos números mais impressionantes e imponentes.

A magestosa procissão, em que sobressai o andor com a imagem de Nossa Senhora das Preces dá a volta às capelinhas por entre milhares de pessoas. É um mar de gente a saudar a miraculosa Rainha dos céus. É um espectáculo grandioso, tendo ainda a realçá-lo a forma do terreno em anfiteatro.



Um aspecto da procissão

Ao meio da tarde principia a debandada. Os ranchos das terras vizinhas agrupam-se, pegam nos seus cestos ou cabazes em que trouxeram saborosas merendas e que agora vão mais leves, e retomam os seus caminhos em direcção às suas terras. Os de longe, em geral, ficam para o dia seguinte, saindo ao romper da aurora de segunda-feira.

Todos se retiram a cantar canções à Virgem:

Virgem Senhora das Preces
Minha Mãe, minha Madrinha:
Eu já fui à vossa casa
Vinde Vós agora à minha.

E lá vão, andando e cantando, com pena de deixar aquele lugar sagrado, com saudades dos momentos ali vividos e com a esperança de no ano seguinte lá voltar.



Outro trecho da procissão com a imagem de N. Senhora das Preces

Irmandade de Nossa Senhora das Preces

A Irmandade de Nossa Senhora das Preces deve ter sido fundada no meado do século XVIII, precisamente no período áureo de maior fervor religioso.

Nenhum documento anterior a 1721 lhe faz qualquer referência e a *Informação Paroquial* de 1721 destinada à Academia Real da História diz que “a capela da Senhora das Preces era do Rev.º Cabido”, certamente porque a êsse tempo ainda a Irmandade não existia.

Os estatutos mais antigos que se conhecem são de 1886, mas temos a certeza de que antes destes houve outros estatutos, pois que o livro das Matrículas mais antigo que temos em nosso poder começa com assentos de 1850 e já antes desta data havia muitos irmãos.

Além disso que os estatutos de 1886 são uma reforma doutros anteriores diz-no-lo um documento anexo aos estatutos o qual diz o seguinte: «Aos sete dias do mês de Novembro de mil oitocentos e oitenta e seis, na igreja paroquial de Aldeia das Dez, concelho de Oliveira do Hospital, sob a presidência de Joaquim António da Costa reuniu-se em assembleia geral a irmandade de Nossa Senhora das Preces, erecta no Vale de Maceira para discutir os presentes estatutos, afim de legalizar a sua organização.» Depois seguem-se nada menos de 193 assinaturas de irmãos presentes.

Estes estatutos foram reformados depois em 1912 e mais tarde para ficarem em harmonia com as leis da Igreja foram novamente reformados em 1922, a 22 de Janeiro.

Por alturas de 1860 tinha esta Irmandade muitos irmãos, contando alguns de fora da freguesia. No livro das Matrículas podemos ainda hoje ver as entradas de pessoas de longes terras, tais como: do Carregal do Sal, Poiares, Folques, Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, Sertã, Oleiros, Penamacôr, Covilhã, Táboa, Tortozendo, e de tôdas as freguesias circunvizinhas: Vide, Piodam Pomares, Vila Pouca, etc., o que nos indica que nessa altura era uma grande honra pertencer á Irmandade de Nossa Senhora das Preces e que a mesma Irmandade gozava de grande prestígio.

Festas principais

É à Mêsã da Irmandade que compete a administração dos bens do Santuário, manter e promover o culto da gloriosa Virgem Senhora das Preces.

Nos próprios estatutos se determina que “se devem celebrar com tôda a decência, brilho e pompa as festividades seguintes: as três festas denominadas - Tríduo do Espírito Santo – que se celebram no domingo, segunda-feira e terça-feira do Pentecostes(1); a festa em honra da Natividade de Nossa Senhora, em 8 de Setembro e a festa da Apresentação de Nossa Senhora no dia 21 de Novembro”.

Esta festa da Apresentação de Nossa Senhora no templo é o orago da povoação de Vale de Maceira e é pelo

(1) Actualmente e por motivos razoáveis a festa da terça-feira realiza-se no sábado, véspera do Espírito Santo

povo chamada a festa da Senhora do rebusco, porque é dó desse dia em diante que qualquer pessoa pode rebuscar as castanhas nos soitos.

Além destas festas obrigatórias pelos estatutos, todos os anos costuma haver pelo menos missa rezada e outros actos religiosos no dia 25 do mês de Março, festa de Nossa Senhora, e no dia 24 do mês de Junho, dia de S.João, e neste dia costuma haver missa rezada na capela da Senhora das Necessidades no alto do Colcurinho.

Antigamente, e desde tempos imemoriais, realizava-se todos os anos a chamada festa da Missão, no dia cinco do mês de Setembro.

Havia missa cantada dentro da capela da Senhora das Precês e sermão ao ar livre, servindo nessa altura o púlpito situado na casa junto da igreja.

Foi pena que se deixasse acabar essa tradição, vinda já de longas eras e que estava enraizada na alma dos devotos da Senhora das Precês. Ainda hoje muitos ranchos de peregrinos continuam a visitar este Santuário nesse dia.

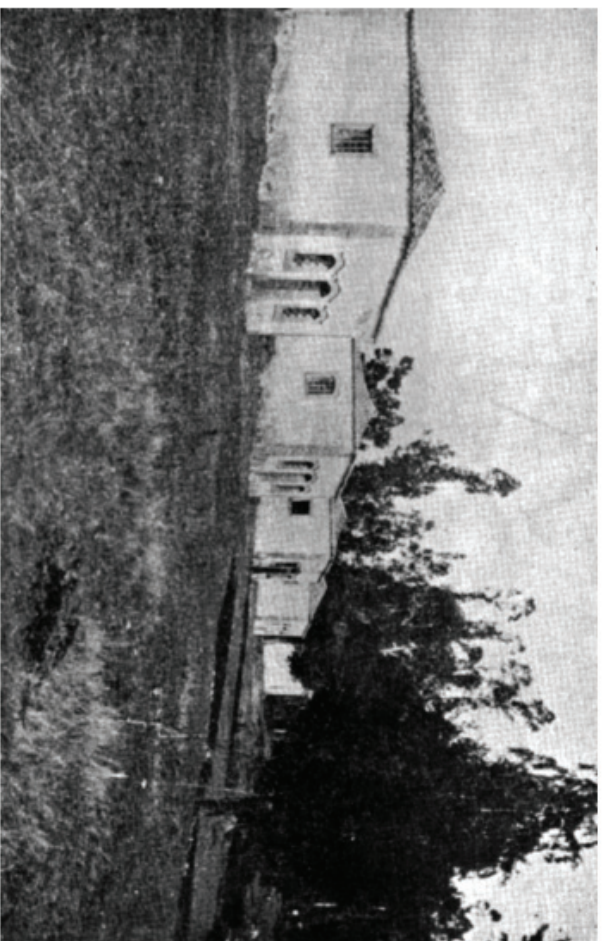
Capelão do Santuário

O Santuário de Nossa Senhora das Precês, desde os mais remotos tempos, teve capelão privativo para celebrar o Santo Sacrifício da Missa na capela ou igreja da Senhora das Precês em todos os Domingos e dias Santos de preceito, aplicando a Santa Missa “em benefício dos irmãos vivos e falecidos e de todos os fiéis que concorrem

com suas ofertas e esmolas para a sustentação do culto no mesmo Santuário”.

É o único Santuário Mariano das nossa Beiras que possui êste privilégio que tanto contribue para a honra e glória de Maria e para a salvação e santificação das almas.





Algumas das capelinhas com os passos da Paixão

Obras feitas

COM a afluência de fiéis veio a afluência de esmolas. Com o produto das esmolas provia-se às despesas do culto, erguia-se a igreja e casas anexas, apareciam sucessivamente as capelinhas dos Passos, construíam-se grandes muros de suporte, que permitiam uma larga esplanada.

Fizeram-se, lá mais em cima, pesquisas de água que foi depois canalizada para um chafariz de pedra; mais tarde outro chafariz tomou ao que parece, o lugar do primeiro. Converteu-se uma terra de milho em mata frondosa, com lagos pelo meio e frescos arruamentos.

Fez-se um corêto, de pedra e ferro, para os concertos musicais. Construiu-se uma boa e ampla casa para albergue.

Vale de Maceira

Simultâneamente a povoação foi-se desenvolvendo á sombra bemfazeja do Santuário. Ali tinha o povo o seu capelão para a missa dominical ali afluíam os fiéis das povoações mais próximas.

Uma escola tornou-se necessária e a escola foi criada.

Mas faltava ainda realizar uma grande aspiração: uma estrada para o Vale de Maceira, que permitisse a visita de pessoas que não podiam ir senão de automóvel. E a estrada abriu-se.

Outros melhoramentos estão em vias de realização, como o cemitério.

Todo êste desenvolvimento se deve ao Santuário, pois se não fôra êle o Vale de Maceira não seria aquele lugar aprazível que já é, nem aquela estância de turismo que há-de vir a ser. Por isso o povo canta:

Gente do Vale de Maceira
Julgais que sendes alguém?
Se não fôsse a Mãe de Deus,
Não vos ia ver ninguém.

O povo do Vale de Maceira merece, porém, o progresso que tem gozado, por ser bom e devoto da Virgem. Que Ela, de cima do altar e lá do seu trono celeste continue a abençoar a boa gente que vive ali à beira do seu Santuário.

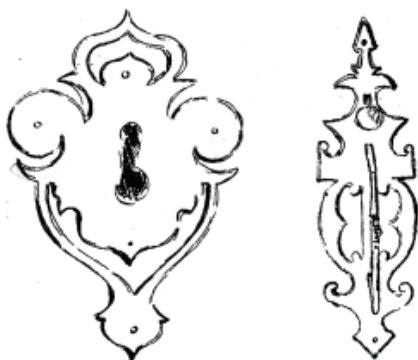
Serviços Florestais

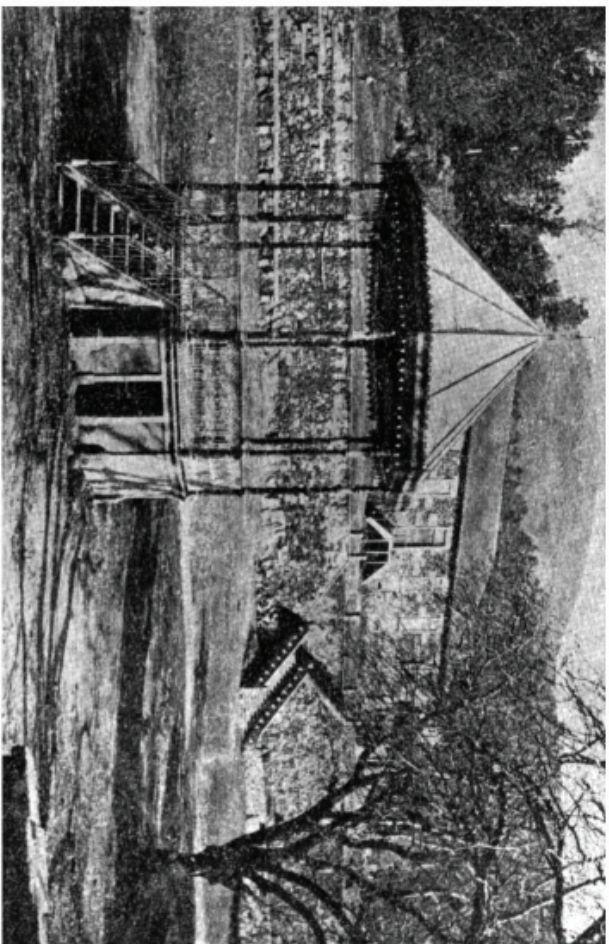
Quando os baldios do monte do Colcurinho foram submetidos ao regime florestal pelo Ministério da Economia, a Mêsia Administrativa do Santuário pediu, em 1941, à Direcção Geral dos Serviços Florestais que fosse cedido ao Santuário o terreno baldio junto da mata, de modo que a capela de Santa Eufémia ficasse dentro dos muros do Santuário.

A Direcção Geral, num gesto digno de louvor, cedeu não só o que se lhe pediu, mas ainda todo o terreno

chamado monte de Santa Eufémia e já forneceu ao Santuário cerca de 700 árvores para o seu arborizamento.

Sua Ex.^a o Snr. Director Geral numa visita que fez ao Santuário prometeu mandar fazer uma estrada para a capela de Santa Eufémia que depois seguiria para a capela da Senhora das Necessidades. Quando esta promessa, que é uma das nossas grandes aspirações se realizar, o Santuário da Senhora das Preces será então o melhor ponto de turismo de tôda a Beira e um dos mais belos de Portugal.





O corêto da música no largo principal

O Santuário na Literatura

O Dr. Vasco de Campos, distinto médico em Avô, no seu livro o *Canto da Cotovia*, pequenino poema de amor e saúde, pelo seu querido Benjamim, escreveu estes versos que desejamos arquivar:

De mãos postas

Milagrosa Virgem Mãe,
Senhora do Colcorinho
Bem sabeis o meu sofrer,
Dai saúde ao meu filhinho!

É bem alto o vosso Monte
É maior a minha dor...
Senhora do Colcorinho
Dai saúde ao meu amor.

Não sabe bem o que pede
Minha prece em desatino...
Senhora do Colcorinho
Dai saúde ao meu menino.

Subirei o vosso Monte
Descalço pelo caminho,
Calcando urzes e tojos
Se viver o meu filhinho.

Dar-vos-ei tudo o que tenho
Quero morrer pobrezinho;
Ai que riqueza, Senhora,
A vida do meu filhinho!

Não sabe bem o que pede
Minha prece em desatino...
Senhora do Colcorinho,
Dai a vida ao meu menino.





A Senhora das Preces no folclore popular

Quodras

Virgem Senhora das Preces
Pequenina e airosa,
Vem gente de muito longe
Para ver tão linda rosa.

Virgem Senhora das Preces
À vossa porta cheguei
Tantos anjos me acompanhem
Como de passadas dei.

Virgem Senhora das Preces
Minha mãe, minha madrinha
Eu já fui à vossa casa
Vinde Vós agora à minha.

Virgem Senhora das Preces
Vinde Abaixo à ladeira,
Vinde buscar a mortalha
Que eu tive à cabeceira.

Virgem Senhora das Preces
Das Preces ao Colcurinho
Antes que esteja calor,
Sempre lá corre um ventinho.

Virgem Senhora das Preces
Vinde abaixo daí me a mão
A ladeira é comprida
Falta-me a respiração.

Virgem Senhora das Preces
Tenho uma graça a pedir:
Que o vosso manto me cubra
Quando do mundo partir.

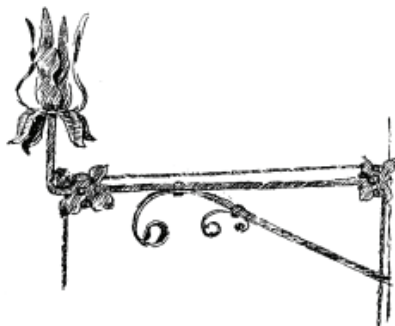
Virgem Senhora das Preces
Stá viradinha p'ra porta
Stá vendo se vê entrar
Alguma sua devota.

Nossa Senhora das Preces
O vosso altar é de fitas
A Senhora do cabeçaço
Manda-vos muitas visitas.

Nossa Senhora das Pressas
Das pressas venho aqui
Para vos dar os louvores
Das pressas em que me vi. (1)

Nossa Senhora das Preces,
Tôda essa serra cheira;
Cheira ao cravo, cheira à rosa,
Cheira à flor da laranjeira.

(1) Nalgumas partes o povo diz *Pressas*, em vez de *Preces*, e até, na reza da noite, é costume pedir um Padre Nosso «em louvor de N. Senhora das Pressas que nos acuda nas nossas pressas».



A Igreja de Nossa Senhora das Preces

O incremento que tomou a devoção a Nossa Senhora das Preces e a grande afluência de romeiros mostrou a necessidade de um templo maior. Edificou-se então a actual igreja, notável pela elegância da sua fachada, pela delicadeza dos seus altares e pelas curiosas pinturas dos seus tectos.

É um edifício com uma só nave, com 7,70 metros de largura interior e quasi 45,50 no seu comprimento total incluindo a sacristia. Esta foi construída em seguimento da capela-mór, e apenas um pouco mais estreita.

Observando a planta, vemos á entrada um átrio com duas aberturas para o adro, uma para a tórre e outra para a igreja. Êste átrio faz lembrar as igrejas de tipo franciscano, como a do convento de Vila Cova do Alva e tantas outras, que também apresentam o seu átrio coberto por um arco abatido.

Por cima do átrio está o côro, servido por uma escada interior. Do côro há também uma porta para a tórre.

Do lado do evangelho, ou do poente, a planta e o alçado são de uma grande simplicidade. A parede forma uma linha recta em tôda a extensão da igreja, quebrando ligeiramente no inicio da sacristia. Quatro portas incluindo uma do átrio e a da sacristia, e três janelas são as aberturas do alçado.

Do lado do nascente há quatro dependências que dão variedade e movimento à planta e ao alçado. Em primeiro lugar a tórre, não muito esguia, mas elegante e decorativa.

Depois a capela da Senhora da Boa-Morte, com sua sacristia, restos da primitiva ermida, como já dissemos. E por último a capela do Santíssimo.

Tem a igreja cinco altares, todos de elegante construção e de boa talha. O mais antigo é o da Senhora da Boa-Morte, e o mais moderno o da capela do Santíssimo. Êste último é obra de José Tavares, artista de Aldeia das Dez (1).

A tribuna da capela-mór foi dourada por Manuel Gabriel da Fonseca, «casado, dourador, de Aldeia das Dez.» Arrematou essa obra por 178.900 reis, a 12 de Novembro de 1893 (2).

Os altares laterais foram dourados pelo mesmo artista, que se obrigou a fazer essa obra e a estofar as imagens de Santo António e de S. José pela quantia de 117.560 reis. As condições vêm no auto de arrematação, feito a 26 de Março de 1893 (3).

Há na igreja as seguintes imagens: Nossa Senhora das Precês, imagem de pedra, posteriormente adaptada para se poder vestir. Venerada no altar-mór, como titular que é.

Nos altares colaterais (aos lados do arco cruzeiro), está S. José ao lado da Epístola, e Santo António do lado do evangelho.

Na capela da Senhora da Boa-Morte, a imagem da mesma invocação, muito venerada pelos romeiros. Em nossa meninice ouvíamos dizer a pessoas ingénuas e de

(1) Informação de José de Lencastre, sobrinho do artista.

(2) Livro de termos de arrematação, folha I, v^o

(3) Livro de arrematações, folhas 40.

pouca ilustração que a esta imagem lhe cresciam as unhas...

Há na mesma capela duas pequenas imagens, uma delas de uma santa estigmatizada e coroada de espinhos, boa escultura antiga de madeira estofada.

Merece referência o púlpito, de base de pedra bem lavrada e cortina de madeira delicadamente entalhada.

As portas e janelas têm lindas e delicadas sanefas de madeira entalhada e dourada. E, já agora, também uma referência às «teias» ou grades da capela-mór e da capela da Senhora da Boa-Morte, e a alguns curiosos espelhos de fechadura.

As pinturas do tecto da igreja

Não podemos deixar de nos referir às pinturas do tecto da igreja. São ao todo doze painéis enquadrados em elegantes e bem lançadas arquitecturas.

A disposição dos painéis é a seguinte: cinco painéis de cada lado e dois maiores no centro.

Nos cinco do lado do evangelho estão representados os seguintes assuntos partindo do arco do cruzeiro em direcção à porta principal: Casamento de Nossa Senhora; Apresentação do Menino Jesus no templo; Apresentação da Santíssima Virgem; Anunciação; Adoração dos Pastores.

Nos painéis do lado da epístola, e começando do lado da porta: Nascimento do Menino Jesus; Visitação; Circuncisão; fuga para o Egito; Adoração dos Magos (três reis, um deles preto).

No centro, próximo do arco cruzeiro, a morte da Virgem, rodeada pelos onze Apóstolos. Mais para o lado da porta, em grande painel, a Ressurreição e Assunção da Virgem. Êste quadro consta de duas partes: em baixo está o túmulo cheio de rosas, que simbolizam o perfume que ficou no túmulo após a ressurreição da Virgem; e em volta os Apóstolos, abismados perante o prodígio. Em cima, a Virgem Maria sobe ao céu, rodeada por uma teoria de



Visitação

anjos. Êste é verdadeiramente a corôa de todos os outros painéis, e ilustra admiravelmente a crença da Igreja na Assunção de Nossa Senhora.

Estas pinturas bem merecem ser guardadas com carinho e estudadas com interêsse, pois constituem um resumo da vida de Nossa Senhora, e constituem igualmente, em conjunto com as esculturas dos Passos do Senhor um evangelho para os que não sabem ler.

As pinturas do tecto da sacristia

Uma página de teologia dogmática

DE entre tôdas as pinturas da igreja de Nossa Senhora das Preces, a mais valiosa, a mais interessante, a mais expressiva é, com certeza a do tecto da sacristia.

Em tôda a volta há um frizo de medalhões, onde estão pintados os evangelistas e outros Apóstolos, e no centro o assunto principal. Êste é constituído pelas seguintes figuras:

No centro do quadro, o Papa, sentado, revestido com as vestes pontificais e coroado com a tiara, segurando com a mão esquerda o livro das escrituras, e com a direita segurando a cruz de três braços.

À sua esquerda o Pai Eterno, com o cetro e a corôa real, com a mão esquerda apoiada sôbre a esfera mundial, e com a direita apontando para o Papa, que personifica a Igreja. Por baixo dois anjos seguram uma cartela onde se lê: DEUS FUNDAVITEAM IN ETERNUM Psalm.47. *Deus fundou-a para tôda a eternidade.* Esta legenda é o versículo 9 do citado salmo, e refere-se primeiramente a Jerusalém, a cidade santa, que na verdade subsiste ainda; mas êste versículo cumpre-se à letra duma maneira mística na perpétuidade da Igreja, de que Jerusalém é o tipo. Foi nêsse sentido que aplicou aquela legenda o esclarecido pintor. A Igreja, fundada por Deus, não morrerá jamais.

À direita do Papa está a figura de Jesus. Do seu lado direito sai um feixe de luz que vai projectar-se na figura

do Papa, que personifica a Igreja «saída do lado de Jesus».

Com a mão direita, Jesus apresenta as chaves, símbolo do poder que deu à Igreja de abrir as portas do reino do céu, e com a esquerda segura a mesma cruz que está na mão do Papa, a qual exerce as funções de cetro. Assim se mostra como o Papa é o Vigário de Cristo, com



Desenho da pintura do tecto da sacristia da igreja da Senhora das Preces

os mesmos poderes de Cristo para governar e reger os fiéis. Por baixo dois anjos mostram as duas tábuas dos mandamentos, e uma legenda que diz: ATTENDITE POPULE MEUS LEGEM MEAM. *Povo meu, escutai a minha lei.* É uma parte do versículo I do salmo 77. Nêste salmo, que é um dos maiores, pois tem 72 versículos, o autor sagrado incita o povo ao cumprimento da lei, e, para melhor conseguir o seu intento, passa em revista os

inúmeros benefícios que Deus tinha concedido ao povo de Israel, benefícios que vinham sendo e deviam continuar a ser transmitidos oralmente de geração em geração.

Ao cimo do quadro uma pomba, símbolo do Espírito Santo, paira sobre a figuração do Papa, irradiando a sua luz divina. Assim se mostra a assistência que é prestada ao Papa e à Igreja pelo Espírito Santo, para que a Igreja e o Papa não possam errar em matéria de fé e de costumes.

Por baixo há uma legenda maior onde se lê: ECCLESIA DEI VIVI COLUMNNA ET FIRMAMENTUM VERITATIS Ad Timot. I, C.3. *A Igreja de Deus (é) coluna e fundamento da verdade.*

Esta frase é tirada de S.Paulo, I.^a epístola ao seu discípulo Timóteo, capítulo III, versículo 15. O Apóstolo, para incitar o discípulo a servir com zelo e entusiasmo a Igreja, diz que ela é a coluna e o fundamento da verdade. É a coluna, à maneira daquelas fortes colunas de mármore que sustentam o tecto dos grandes edificios; é o fundamento ou alicerce sólido em que todo o edificio se apoia. Estas expressões descrevem admiravelmente o papel desempenhado pela Igreja, destinada por Deus a manter através dos séculos a verdade evangélica em toda a sua pureza e em todo o seu esplendor.

De tudo isto concluímos que estamos diante duma bela ilustração da infalibilidade pontifícia, ilustração tanto mais valiosa, quanto é certo ser anterior à definição dogmática proferida pelo Concílio do Vaticano de 1870.

Isto mostra o que aliás é sabido: que a infalibilidade pontifícia foi sempre reconhecida na Igreja, designadamente entre o povo.

A Capela de Nossa Senhora das Necessidades

ESTA situada, como já dissemos, no pico do Colcurinho, a 1.242 metros de altitude, no lugar da primitiva ermida de Nossa Senhora das Preces e do antigo castro. Em frente, dominando o vasto horizonte, está, de braços abertos, o cruzeiro já referido.

Em casa do Sr. Joaquim Manuel da Fonseca de Aldeia de Dez foi encontrado um documento antigo que diz:

“Alguns homens antigos querem dizer que a Nossa Senhora das Preces apareceu logo no Levante dos Mouros que foi no tempo das guerras de D. Afonso Anrique; pois os Mouros estiveram no cabeço do Colcurinho e tinham ali a sua Praça, pois bem se vê ainda hoje a grande muralha ou muro que tem em roda; pois claramente se vê para as partes do Baçou ou Piodam um Forte, desviado da muralha que bem mostra ser a avançada da Praça; e quando foi das guerras de Afonso Anrique então é que os Mouros saíram de Portugal, e então é que os antigos dizem que Nossa Senhora foi achada e depois lhe fizeram uma capela no mesmo lugar aonde aparecera; e como ali nada se conservava com o temporal, por isso a trouxeram para o Vale de Maceira aonde hoje existe.

No ano de 1762 houve aqui um Pároco nesta Igreja de S. Bartolomeu chamado P. Paulo da Fonseca que foi

administrador da Irmida de Nossa Senhora das Preces (no documento está Pressas) e vendo que no cabeça do Colcurinho havia um bordo da primeira capela que Nossa Senhora das Preces teve e como ia a finalizar a tradição antiga aonde Nossa Senhora tinha aparecido; este bom administrador mandou fazer uma capela bem no cume do monte para que servisse de memória a todos os viventes que naquele sítio tinha aparecido Nossa Senhora das Preces. Porém aquele lugar aonde agora se vê a capela não é o lugar onde a Senhora apareceu porque é mais abaixo alguma coizinha; a razão e o motivo do Padre mandar fazer a capela fora do sítio de donde a Senhora tinha aparecido, foi para se ver a capela de mais longe e principalmente para as partes de traz de Serra e como se fez a capela no cume do monte foram tirando a pedra da capela antiga para a capela nova que se ia fazendo no cume do monte (que grande mal fizeram em destruir uma memória antiga) havendo ali pedra para se fazer a capela nova sem que se destruísse a capela antiga.

No ano de 1825 serviram uns mordomos ou administradores de Nossa Senhora das Preces que mandaram fazer um muro em tôda a roda da capelinha que se acha no cume do monte do Colcurinho e acabaram de tirar a pedra que ainda restava aonde era a capelinha antiga e assim se vai perdendo a notícia daquela antiguidade aonde Nossa Senhora das Preces apareceu”.

A capela anterior foi demolida para dar lugar à actual. A demolição e reconstrução foram postas em arrematação

a 7 de Outubro de 1894. Foi arrematante António Gonçalves, casado, canteiro, de Pomares, pela quantia de 197.280 réis (1).

É da mesma época a imagem de Nossa Senhora das Necessidades, escultura de madeira, bastante perfeita, que foi benzida no mesmo dia em que foi benzida a capela.

(1) Livro de termos de arrematação, folhas 4.

A Capela do Presépio

O primitivo lugar desta capela era mais ou menos onde começa a escadaria para a nova casa do Albergue.

A sua remoção e reconstrução foram arrematadas a 23



Antiga capela do Presépio

de Março de 1919, por 130\$60.«As dimensões internas da capela serão as mesmas da capela desmontada, contadas de canto a canto desta» (1).

Tem esta capela a forma duma gruta, intercalada na muralha que vai do chafariz para o lado da capela do Apostolado.

As figuras do presépio encontravam-se bastante deterioradas e por isso foram substituídas por outras novas.

(1) *Ibidem*, folhas, v.º e segs.

Capela do Apostolado

É das mais interessantes esta capela, não só pelo aparato exterior, mas pelo belo grupo de Cristo com os doze apóstolos, sentados à mesa, na Ceia, representados no momento em que Jesus lhes afirmou: «Um de vós me há-de trair». Esta afirmação causou assombro, e todos perguntam quem será o traidor, e cada qual protesta que



não trairá o Mestre. Judas está à esquerda, logo à entrada, com a bolsa do dinheiro. A mesa tem a forma de U invertido.

A capela dos Apóstolos tal como está hoje foi construída em 1838.

A 9 de Março de 1879 foi resolvido incluir no orçamento a reparação da casa do púlpito, que ameaçava ruína, e a

pintura e douramento dentro da capela do Apostolado (1).



Um apóstolo

Capela da Agonia

Representa Jesus no Jardim das Oliveiras, durante a sua Agonia. Apareceu-lhe um anjo para o consolar.

(1) Livro de deliberações, folhas 19, v.º

A imagem de Cristo é muito perfeita e expressiva, vestida de túnica e manto. O anjo sustenta o cálix da agonia.

Esta capela foi mandada pintar e dourar em sessão de 24 de Fevereiro de 1884 (1).

Capela da Prisão

Êste Passo é dos que têm mais vida. Dois soldados prendem Jesus. S. Pedro desembainha a espada, agarra Malco e corta-lhe uma orelha. Judas vai a retirar-se, com a bolsa do dinheiro, mas volta-se para trás, com expressão de pavor, sentindo já o remorso da sua abominável traição.

As figuras são em tamanho natural e muito expressivas.



S. Pedro corta a orelha a Malco

(1) Livro de deliberações, folhas 34, v.º



Judas, o traidor

Esta capela foi mudada de lugar ou pelo menos de posição. «Com efeito, em sessão de 9 de Março 1884, o presidente da irmandade disse que» sendo tempo de se organizar o orçamento da receita e despesa para o ano económico de 1884 a 1885, que era necessário examinar o que haveria para se fazer de maior necessidade para ser incluído no mesmo orçamento; pois tinha por conveniente serem mudadas as duas capelas dos passos do

Santuário que são as da prisão de Cristo e Açoute, por estarem em grande desarmonia com as mais capelas...«Os vogais, ouvindo as propostas feitas pelo presidente, concordaram em serem orçadas as referidas quantias necessárias para semelhantes melhoramentos (1).

A 1 de Dezembro de 1884 deliberou-se proceder às obras supra mencionadas (2).

A pintura e encarnação destas figuras foi arrematada por Manuel Gabriel da Fonseca, já várias vezes referido, conjuntamente com as da capela do Açoute ou Flagelação, por 79.600 réis, a 12 de Novembro de 1893 (3).

Capela do Açoute ou Flagelação

Representa êste passo Jesus Cristo preso à coluna. Três algozes, um dos quais descansa enquanto os outros flagelam o Senhor.

As figuras são em tamanho normal e muito perfeitas.

Esta capela, bem como a anterior, foi mudada, para ficar em harmonia com as restantes capelas do Santuário, como dissemos a propósito da capela da prisão.

Capela do Ecce-Homo

Pilatos, na sua varanda, mostra Jesus ao povo, dizendo as conhecidas palavras ECCE-HOMO (*Eis aqui o homem*).

(1) Idem, folhas 35 e v.º

(2) Idem, folhas 40.

(3) Livro de termos de arrematação, folhas 2, v.º



Pilatos na varanda

Três judeus, em baixo, vociferam, pedindo a condenação de Jesus.

As imagens são em tamanho natural e muito perfeitas.

A pintura e douramento desta capela foi deliberada pela mesa da irmandade em sessão de 2 de Fevereiro de 1893 (1).

Em sessão de quatro de Setembro de 1889 foi resolvido incluir no orçamento uma verba para pintura e douramento das figuras desta capela, por carecerem muito de reforma (2).

Capela da Verónica

No meio está o Senhor, caído sob o peso da cruz. Atrás o Cireneu ajuda Nosso Senhor a suster o pesado lenho.

A Verónica, de joelhos, mostra o véu com o retrato de Jesus, e a Virgem Maria, de pé, manifesta a sua dôr.

As imagens são em tamanho natural e muito expressivas.

Este passo é dos mais antigos. Foi em sessão de 2 de Dezembro de 1888 que a mesa da irmandade deliberou adquirir as quatro figuras que deveriam compor aquêlê passo, a saber: a imagem de Nossa Senhora, a mulher Verónica, um Cireneu e um soldado romano.

A 3 de Fevereiro de 1889 já estavam adquiridas as figuras, faltando pintá-las. A 3 de Março do mesmo ano tinham vindo orçamentos de vários pintores do Porto. Foi encarregado de tratar do assunto o mesário António Joaquim de Moura. A 7 de Abril seguinte faltava pintar a imagem de Jesus. Foi resolvido contratar um pintor para a

(1) Livro de deliberações, folhas 30.

(2) Idem, folhas 70.

pintar e para retocar algumas figuras que se achavam deterioradas nas capelas do Santuário (1).

Capela da Crucifixão

É deveras impressionante esta cena, representada com singular realismo. Cristo deitado sobre a cruz, em



Jesus é crucificado

atitude de generosa oblação, apresenta as mãos e os pés para serem pregados. Um algoz estica-lhe os braços com cordas, outro estica-lhe as pernas. Outro levanta o martelo para descarregar brutalmente as marteladas. Um

(1) Livro de deliberações, folhas 63-66.

rapaz segura um cesto com os restantes cravos, e dois soldados assistem à cena.

O judeu que segura a corda presa à mão direita de Jesus é, segundo a tradição, o retrato de um dos mesários que foram ao Porto encomendar as figuras, e cuja fisionomia não terá escapado à memória visual do escultor. Na verdade aquele rosto tem características realísticas muito diversas dos outros.

Capela do Calvário

Tem quatro figuras apenas: Cristo morto na cruz, a Virgem Maria, S. João e Maria Madalena.

As imagens são em tamanho grande.

A 9 de Outubro de 1887 fez-se a arrematação da mudança da porta e frestas desta capela. Foi arrematante José Martins, por 8.040 réis (1).

Capela do Sepulcro

Tem as figuras usuais: Cristo morto; José de Arimateia e Nicodemos; S. João e a Virgem; Madalena e mais duas Marias.

As figuras foram pintadas, e pintada a capela, pelo pintor e dourador Manuel Gabriel da Fonseca, que arrematou essas obras a 30 de Março de 1891, por 46.000 réis (1).

(1) Livro de arrematações, folhas 14, v.º e 15.

Capela da Ressurreição

Um trono onde está Jesus ressuscitado, em tamanho de cerca de um metro. Em baixo o túmulo vazio.

Esta capela foi mandada pintar e dourar em sessão da mesa da irmandade, de 2 de Fevereiro de 1883 (2).

Capela de Santa Maria Madalena

A imagem deve ser uma das mais antigas do conjunto. A Santa, de tamanho inferior ao natural, está sentada, com a cabeça inclinada sobre a mão direita, com expressão de arrependimento. O cotovêlo direito apoia-se sobre o livro, e a mão esquerda apoia-se sobre a cãveira.

É uma imagem muito expressiva.

A capela é mais recente do que a imagem, pois tem a data de 1862.

Capela de Santa Eufémia

Fica lá mais em cima, próximo do local onde foi captada a água para o Santuário.

Tem o seu altar com a imagem da Santa.

(1) Livro de arrematações, folhas 31. Na folha antecedente vêm as condições da arrematação, indicando as cores das figuras.

(2) Livro de deliberações, folhas 30.

A pintura e douramento desta capela foi arrematada a 12 de Novembro de 1893, por Manuel Gabriel da Fonseca, já mencionado.

No respectivo termo se diz « Que a Senhora será estufada a ouro, também fosco» (1).

Pela sua situação, esta capela está a pedir que junto dela se faça um miradouro, e se faça uma estrada até junto dela.

Espera-se que tão importante melhoramento se efective dentro em breve.

O painel das Almas

No caminho velho de Aldeia para o Vale de Maceira há uma pequena capela onde está um pequeno retábulo esculpido, representando Cristo na Cruz e as almas do Purgatório.

O retábulo é antigo.

A 9 de Março de 1884 propunha o presidente da irmandade: «outro sim também tinha em vista fazer uma pequena capela para nela se expor um retábulo que se acha bem construído com a figura de Cristo pregado na cruz e as almas do Purgatório» (2).

A 1 de Dezembro de 1884 deliberou-se proceder a essa e outras obras (3).

(1) Livro de termos de arrematação, folhas 3, v.º.

(1) Livro de deliberações, folhas 35 e v.º.

(2) Idem, folhas 40

Gruta de Nossa Senhora de Lourdes

Ao cimo da mata que se fez no antigo «Quintal da Senhora» há uma gruta aberta no muro de suporte da esplanada principal, onde estão duas pequenas e toscas imagens de Nossa Senhora de Lourdes e de Santa Bernardete.

E desta forma julgamos ter mencionado todos os monumentos religiosos pertencentes ao Santuário de Nossa Senhora das Preces.



A captação e canalização da água

DIZ Frei Agostinho de Santa Maria que no lugar para onde transferiram o Santuário de Nossa Senhora das Preces não havia água, mas os seus devotos «descobriram água com que lhe fizeram um formoso chafariz de pedra».

Foi êste o primeiro encanamento de águas, que portanto já existia em 1712. Os canos eram de pedra.

Em 1 de Abril de 1883 deliberou-se começar a substituir a canalização de pedra por tubos de grés. A 15 de Abril já tinham sido comprados 330 tubos de grés na fábrica das Devezas, no Porto, por 59.400 réis (1).

A 9 de Março e a 1 de Dezembro de 1884 também a mesa da irmandade deliberou «tratar do canalizamento das águas da fonte» (2).

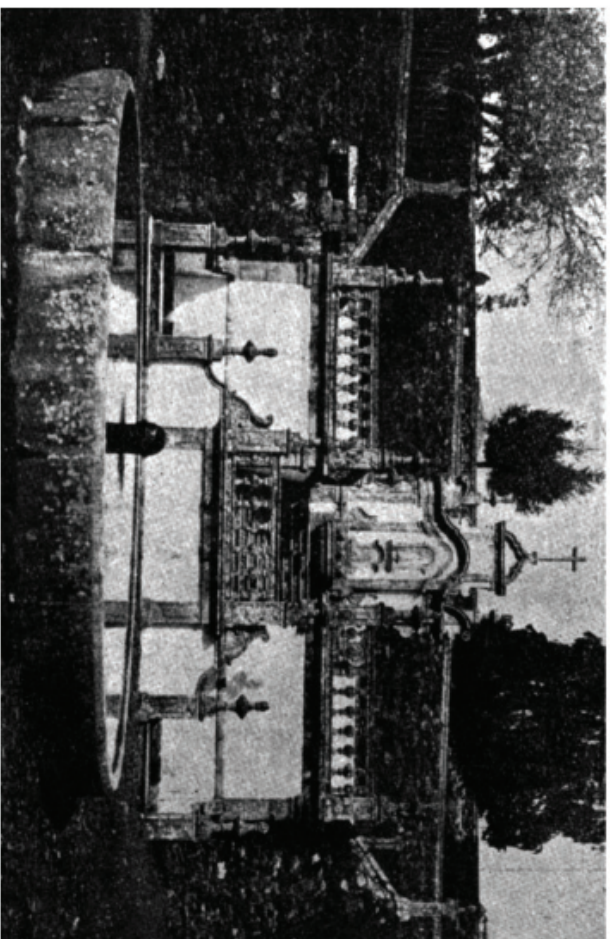
O chafariz e os lagos

Um dos maiores encantos turísticos do Santuário de Nossa Senhora das Preces é a abundância de água, que jorra do monumental chafariz servido por aparatosa escadaria adornada de bem lavrados balústres, e segue, de lago em lago, subindo em repuxos para cair novamente, até se escoar lá no fundo da frondosa mata.

Quem fez o monumental chafariz?

(1) Livro de deliberações, folhas 31.

(2) Idem, folhas 35, v.º e 40



O monumental chafariz

O sr. José Lencastre informa que José Joaquim da Fonseca, de Aldeia das Dez, indo a Alpedrinha, viu lá um chafariz de que muito gostou, e vindo para casa, modelou em barro, à imitação, e mandou fazer o actual.

Um orçamento feito em 1886, por ordem da mesa da irmandade, incluía obras importantes: muros, quatro chafarizes pequenos, com repuxo ao centro, etc. O orçamento terminava assim: «Avô, 19 de Julho de 1886. Santos Bartholo, Chefe de trabalhos» (1).

Segundo informação do nosso amigo José Lencastre, foi António Bernardino Mendes quem mandou transformar em parque o «Quintal da Senhora», que era terra de milho (2) e mandou fazer o tanque redondo que está no meio dêle, e que foi desenhado por José Tavares, o afamado entalhador da Aldeia.

O referido Quintal da Senhora foi ajardinado e arborizado em 1897, segundo rezam os livros.

(1) No arquivo da irmandade.

(2) Pagavam de renda 40 alqueires de milho.

Outras obras

O pórtilco ou entrada principal do Santuário foi feito em 1912 pelo pedreiro José Nunes Torres, de Aldeia das Dez, pela quantia de 112.000 réis. Os outros dois pórtilcos foram feitos em 1912 e 1914 (o do sul).

A casa nova ou Albergue foi construída em 1915-1916, e a respectiva escadaria em 1919, uma e outra segundo projecto do distinto architecto sr. Mário do Amaral. As obras foram executadas por Joaquim Afonso, de S. Sebastião da Feira, sendo presidente António José.

O muro de suporte e as paredes da casa custaram 698\$00, e a escadaria 806\$00. A serralagem de madeira ficou em 148\$00, e a mão d'obra de carpinteiro ficou em 628\$00 (1).

A construção do coreto foi posta em arrematação a 10 de Dezembro de 1895. A parte de pedra foi arrematada por João Alves, casado, pedreiro, de Aldeia das Dez, por 111.692 réis. A parte de ferro foi arrematada por Elísio da Costa Leitão, solteiro, serralheiro, da freguesia de Oliveira do Hospital, por 270.290 réis (2).

A casa do púlpito foi reparada em 1879. Pelo menos, a 9 de Março do referido ano foi resolvido incluir no orçamento a reparação da casa do púlpito, que ameaçava ruína (3).

(1) Tudo isto segundo os livros do arquivo da irmandade.

(2) Livro de termos de arrematação, folhas 6.

(3) Livro de arrematações, folhas 19 v.º

A 8 de Abril de 1888 foi arrematado o consêrto das casas do púlpito. Foi arrematante José Augusto Diniz, casado, carpinteiro, de Aldeia das Dez, pela quantia de 30.000 réis (1).

Obras actuais

Na altura em que é elaborada esta monografia está-se a proceder à restauração geral da igreja e capelas do



Casa do púlpito e mais além a casa da administração

Santuário. Para essa reparação, orçada em 118.009\$00, contribui o Estado, pelo Fundo do Desemprego, com a respectiva comparticipação (2). Nestas obras estão incluídas, além de outras, a restauração das pinturas dos

(1) Livro de arrematações, folhas 22.

(2) Portaria de 11 de Janeiro de 1944.

tectos da igreja e sacristia e de tôdas as figuras dos Passos.

A restauração das pinturas foi confiada a um dos grandes artistas de Coimbra, Alvaro das Neves Eliseu.



Nossa Senhora das Preces e o Terremoto de 1755 ⁽¹⁾

Senhor

«V. Mag.^o me tem mandado, que eu faça relação distinta dos terremotos, que se experimentaram nesta freg.^a de Aldeia das Dês: e ainda que a confusam, em que cada hum se viu, o impediu p.^a fazer as reflexões precisas p.^a hua narração completa, e apenas parece pode ser fiel choronista de Si proprio; contudo obedecendo às ordens de V.^a Mag.^o»

Digo que o fatal terremoto de I.^o de 9br.^o (de que escapou esta freg.^a por intercessão de N. Snr.^a das Preças como exponho a V. Mag.^o) se sentiu em toda ella pellas nove horas, e meia da manhã com a duração de quasi meio 4.^o de hora. Mt.^a gente, e especialm.te a que este tempo se achava no campo, clara, e distinctam.^{te} ouviu hum extraordinário, e formidável estrondo, que successivam.te se vinha propagando da p.^{te} do sul de huns p.^a outros montes, e valles: e chegando em brevíssimo intervallo de tempo ao lugar, em que estavam, presenciaram que os montes, e penhascos estremeciam, como se fôsem de cera. O que me confirma na opinião que tenho que este terremoto não teve causa natural, pois não lhe verosímil que a força de todas as causas segundas unida, e obrando ao mesmo tempo podem comover nem ainda levem.^{te} a desmedida grandeza desses montes, e

(1) Documento encontrado na Torre do Tombo em Lisboa

abalar tam notavelm.^{te} a robusta solidez de tantos penhascos; e que som.^{te} o podia fazer a mão onnipotente de D.^s Senhor Nosso, que assim como do nada os creou, em nada os podia reduzir. E assim foi continuando o mesmo estrondo, e espantoso trovam p.^a diante, ouvindo-se de mt.^o longe o seu rugido. A muitos que estavam dentro deste lugar, pareceu ao principio que na estrada, que dista mais de hua legoa, se tocavam com mt.^a fôrça tambores, e caixas de guerra.

Ao tempo do terremoto se viram dentro deste lugarde Aldeia das Dés algumas casas inclinadas hora p.^a hua, hora p.^a outra p.^{te} em tr.^{os} que quem as via, se persuadia que por instantes se precipitavam. Porem ficaram sem a mínima lezam, sem racha, ou abertura, que indique ter havido terremoto. O único vestigio delle he verem.se cahidas umas quatro, ou sinco pedras pequenas de hum curral velho, e ruinoso; e no limite desta freg.^a experimentou algua ruina hua caza de campo. Porem a perda he quasi nada. Nam som.^{te} nam morreu Pessoa algua por occaziam desta fatal desgraça; mas nem ainda houve quem padecesse huma mínima ferida, ou raspadura.

Quasi meia legoa deste lugar discorre o Rio vulgarm.^{te} chamado o *Rio de Alvôco*, que neste limite se incorpora com o *Alva*; os quais ambos descem da Serra de Estrela, aonde tem a sua origem, neste Rio de Alvoco ha hum pego muy profundo, o *Alquete*, o qual formam as aguas reprezadas em hum açude p.^a serviço de huns moinhos, neste poço no sitio chamado a *Regada* se inclinaram as aguas p.^a a margem da p.^{te} do sul em tr.^{os} que da p.^{te} do Norte quasi lhe viu o fundo hum pescador que ali andava.

Nam consta que a terra abraisse boccas, ou as fontes suspendessem o seu curso ordin.^o, ou que rebentasse algua de novo.

Depois do terremoto em o I.^o de 9 br.^o tem repetido outros; os mais notáveis foram, o da madrugada de 5.^a fi.^a 11 de Dezembro e o da noute (salvo engano) 13 de Jan.^o em que os moradores deste lugar com o estrondo das casas acordaram, e alguns fugiram p.^a as ruas. Outros muytos tem havido; porem breves, e instantaneos: poucos



Um trecho do Santuário

se percebiam pello ouvido; e os mais delles, ainda que quasi insensíveis, se conheciam pelo tacto, especialm.^{te} por quem estava deitado. Porem nam produziram outro eff.^o mais do que somente o susto.

Nem consta pellas pessoas mais antigas, nem ainda por tradiçam que, em tempo algum aqui se experimentasse terremoto. Podia algum dia haver algum

tremor levissimo, de que nunca se fez caso p.^a o recomendar à memória.

Tem este lugar com outros mais pequenos desta freg.^a 620 pessoas, comprehendidas neste n.^o homens, mulheres e rapazes. Sam 307 do sexo masculino, e do feminino 313.

Nam houve incêndio, nem ha falta de mantimentos, mas antes suma abundância daquelles que produz este paiz. No anno passado foi a colheyta muy copiosa, nem os fructos tem consumo; e em caso de necessidade, se a houvera, podia este lugar prover outros muytos; ainda que pela falta de comercio he a penúria de dinheiro gd.^o nestas povos.

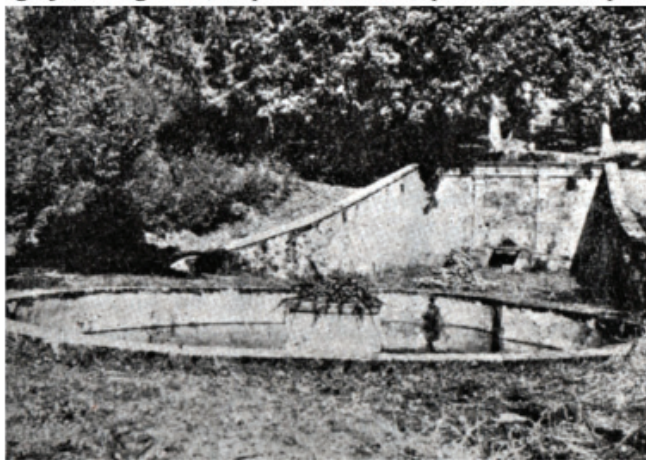
Contou-me hum homem fidedigno desta freg.^a que caminhando para o cazal da Regada na madrugada do I.^o de 9br.^o vira no çeo huma grande luz, e cumprida, que lançava mt.^a claridade, e que durara hum 4.^o de hora: e que ao depois se apagara e ficava tudo na mesma escuridam antecedente.

Tendo exposto os sucessos do terremoto não devo passar em silencio os prodígios, que os Santos, e especialm.^{te} *N.^a S.^a das Peças* obraram em nosso favôr, livrando-nos deste flagello, q. a mão armada da Justiça Divina queria vibrar contra nós por nossos pecados.

No tempo q. começou o terremoto mt.^a gente deste lugar, imaginando q. por instantes se abria a terra e a sepultava com quanto havia nas suas entranhas, com toda a pressa se foi refugiar na sua Igr.^a dedicada ao glorioso *Apost.^o S. Bartolomeu* procurando com viva fê, e firme confiança, o asylo e imunid.^o da caza de DS tendo por certo que à indignação do m.^o Sn.^l, se nam podia fugir nem

escapar em lugar algum: e que o unico recurso q. havia em tam conhecido castigo era somente fugir p.^a o m.^o D.s e quando este Senhor permitisse dar-lhes a morte em castigo dos seus pecados, em nenhum lugar se podia temer menos do q. morrendo perante o altar do Sant.^o Sacramento e da Virgem Santissima Senhora nossa, amparo certo dos peccadores. Ali, lavados todos em loagrimas, começaram a implorar em altas vozes o patrocínio efficacissimo da Mãe de Deus; e foi servido N.^o Sr. que a Igreja sendo antiga e pouco segura, ficasse tam imóvel, como se fosse bronze.

No altar de N.^a S.^a do Rosário estão colocadas as imagens de *S. António*, *S. Abdon*, e *S. Semren*. Destas cahiram p.^a cima do m.^o altar *S. Antonio* e *S. Semren*; e a este quebraram dois dedos da mão. De presumir he q. esses gloriosos Santos intercederam muito p.^a livrar esta Igreja, e freguesia, da próxima ruína, querendo antes q. as



Um lago do jardim

suas Imagens cahissem p.^a satisfação da Justiça Divina, do q. precipitarem-se ou terem o mais leve perigo as casas desta freguezia.

Porem ainda q. estes Santos obraram muito em nossa defesa; a nossa principal Protectôra, e libertadôra, foi *Nossa Senhora das Preças*, q. se venera em hum Sanctuario nos limites desta freguesia, com mt.^o concurso de fiéis, que ali procuram de terras muy remotas o remédio certo de suas aflições, e trabalhos.

Tem esta Snr.^a o menino Jesus nos braços com hua corôa de prata na cabeça, e a Senhora tem outra. Na festa do anno paçado do Esp.^o Santo custou a segurar a corôa na cabeça ao menino Jesus; porem a da Snr.^a estava firme.

No tempo do terremoto pelo contrario a corôa do menino Jesus ficou imóvel, nem aquelle Sanctuario teve o mais leve perigo, achando-se a parede antes delle algum tanto ruinosa, e inclinada p.^a fora, e assim ficou como estava.

Somente se notou q. não houve outra ruína, racha ou abertura mais do q. cahiu a corôa de *N.^a S.^a das Preças* (antes firme) aos pés do seu amado filho: querendo sem duvida, e não duvidando, esta Snr.^a prostrar-lha a seus pés p.^a assim satisfazer por nós a Justiça Divina ofendida. E que não acabaria, e concluiria, a Virgem Sant.^a com seu amado filho fazendo huma homenagem desta qualidade?

Apareceu esta Sr.^a no mais alto da Serra do Colcorinho q. he muy eminente, e quasi inacessível; não conta o tempo do seu aparecimento nem naquelle lugar se a depositaram, e occultaram os christãos no tempo da invasão dos Mouros em Portugal, aonde ao depois se quis manifestar p.^a Consolação dos afflictos, peccadores.

A mesma Sr.^a rogo se digne tomar a Sua Magestade, e a toda a Augusta Familia real na sua protecção, e q. ponha os olhos de sua piedade neste Reyno, e especialmente em Lisboa como mt.^o deseja este

De V.Mag.
Humilde e Leal Vassallo

Aldeia das Dez de Mayo-7-de 1756

O cura Manuel Antunes Per.^o»



O que diz Frei Agostinho de Santa Maria sôbre a Senhora das Preces

A nossa experiência nos mostra o quanto Maria Santíssima se paga dos títulos com que a invocamos em nossos apertos e necessidades; e porque ela sempre está rogando por nós a seu amoroso filho para que em tôdas nos assista e remedeie por isso lhe vem muito ajustado a esta Senhora o titulo das Preces, porque tudo quanto pede alcança.

Os mais Santos (como diz Godfrido) pedem ao Senhor e rogando alcançam. Mas a Virgem Senhora como império de mãe tudo o que quer pede com confiança e não duvida de o conseguir.

No termo de vila de Avô, uma das que pertencem ao condado de Arganil, e de sua jurisdição e de donde o Bispo de Coimbra é Alcaide mór, em a freguesia da Aldeia das Dez se levanta uma terra, bem nomeada naquelas partes por sua iminência e com o nome de Culcurinho. É esta terra tão alta que parece querer competir com as estrêlas; porque sobrepuja muito à altura das nuvens, as quais se veem ordinariamente muito mais rasteiras. E assim dizem que dela se vê a cidade de Lisboa, que lhe fica distante algumas cincoenta e cinco léguas; mas quando o não seja porque parece impossível, serão os seus horizontes e é tão cortada esta Serra pela parte do rio Ave, que lhe fica abaixo quási uma légua de profundo, porque se não divisam os homens, antes uns grandes penedos que lhe ficam no mesmo rio, tamanhos como navios, parecem aos que estão no alto da Serra umas castanhas.

Nesta serra apareceu uma milagrosa imagem da Rainha dos Anjos, a que uns dão o título da mesma serra, invocando-a Nossa Senhora do Colcurinho; outros lhe



O tanque da pinha, um dos mais lindos do jardim

dão a invocação de Nossa Senhora das Precês. Sem dúvida pelas contínuas, com que todos a rogam e lhe pedem a sua poderosa intercessão em seu trabalhos e necessidades. E como a acham sempre propicia,

justamente lhe apropriam êste titulo, pois mostra que se obriga muito dele.

A forma com que esta Senhora apareceu não consta; mas tem-se por tradição constante fôra a uns pastorinhos, porque à altura daquela Serra só estes podem lá ir com ocasião de apascentarem os seus gados.

Também não consta do tempo e ano em que apareceu e desta falta de noticia me confirmo a ser muito antigo o seu aparecimento.

Quando a Senhora apareceu, deram parte os pastorinhos, que descobriram este precioso tesouro, o que seria com suma alegria ao pároco da Aldeia das Dez, o qual considerando a altura daqueles riscos e o inacessível da serra, resolveu com seus fregueses o traze-la para a sua Paróquia que é dedicada aos Apostolo são Bartolomeu, para o que se dispozeram logo com toda a deligencia. Porem na sua maior alegria se achara frustados porque como a Senhora queria ser venerada na mesma serra, primeira e segunda vez fugiu da igreja para o primeiro sitio. A'vista de lhes significar naquelas fugas que a sua vontade era estar na serra lhe edificaram nela uma edicula. Mas como não se podia lá ir, a mudaram depois para outra que se lhe fez em sitio mais largo e acomodado, ainda que fosse na mesma serra, com tanto que o terreno fosse capaz; mas que ficasse mais fácil a todos o poderem buscar e venerar a Senhora.

Depois com suas muitas maravilhas que obrava, foi crescendo de dia a dia a devoção nos povos e assim resolveram seus devotos a que se lhe edificasse uma Casa muito grande (que é a que hoje vemos) e capaz de entrarem todos.

Fundou-se esta junto à Povoia de Vale de Maceira e de Pumares nas faldas da mesma serra, aonde ainda que o sitio é montanhoso e agreste; porque nele não havia água, nem terra em que se pudesse plantar uma árvore, e está



cercado de matos silvestres como estevas, orges e outros matos desta qualidade, com tudo dava lugar a uma larga edificação e assim podem buscar a Senhora mais facilmente.

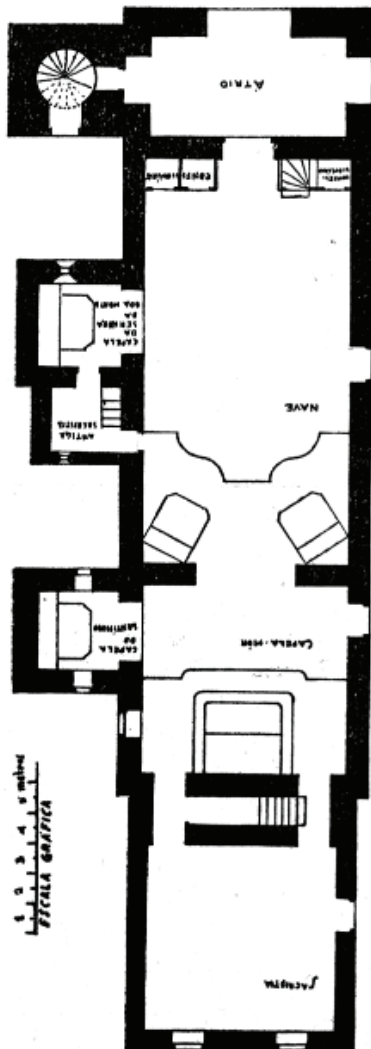
É hoje esta Casa uma das maiores romagens de toda a Beira e o Santuário mais frequentado de toda ela. E assim

pela grande piedade com que fieis servem à Senhora com suas esmolas, se vê aquela igreja (que é magnífica, muito grande e espaçosa e uma das melhores daquelas partes), muito aumentada não só em obras de pedra e cal, mas em muitas e ricas alfaias, preciosos ornamentados e em muitas casas de romagem, aonde os devotos e peregrinos descansam.

A Imagem da Senhora é muito pequena, porque não tem mais de palmo e meio de estatura; está com grande veneração e resguardo recolhida em seu sacrário de vidraças.

A igreja está toda revestida das memorias e insígnias das maravilhas e prodígios que tem obrado, que como troféus publicam as vitórias que há alcançado contra a morte e enfermidades. É a Senhora assistida de um capelão e de um Eremitão perpetuamente que ainda com grande zelo do culto da Senhora e do aceio do seu altar. É anexa esta Casa da Senhora à freguesia da Aldeia das Dez ou da Serra; a Igreja é toda azulejada. Os eremitães edificaram junto à Casa da Senhora várias Ermidas da Paixão; e descobriram agua com que lhe fizeram um formoso chafariz de pedra.

Santuário Mariano, Livro II – Título LVII – Pg. 517 e 519 – Ano de 1712.



Planta da Igreja de Nossa Senhora das Preces

ALDEIA DAS DEZ



Aldeia das Dez

Breves notas para uma futura monografia

NÃO é nosso intento fazer a monografia de Aldeia das Dez, mas apenas a monografia especial do Santuário de Nossa Senhora das Preces. Todavia, como aquele santuário pertence a esta freguesia, julgamos interessante acrescentar aqui algumas notas, que numa futura monografia poderão ser mais desenvolvidas.

Está situada esta povoação no concelho de Oliveira do Hospital, à vista do rio Alva, do lado da margem esquerda, sobranceira á Ponte das Três Entradas.

Pertenceu outrora ao concelho de Avô, até que êste foi extinto a 24 de Outubro de 1855, passando então para o de Oliveira do Hospital (1).

Em 1527, ano em que D. João III, estando em Coimbra, mandou proceder ao «numeramento» da

(1) Baptista de Lima, Terras Portuguesas, Povo de Varzim, 1933? Pag.249.

população da Beira, tinha Aldeia das Dez 49 moradores, e Avô 59. O casal de Piódam tinha 2, e o casa do Soveral (Sobral) tinha 8, e o Vale de Maceira tinha, como já dissemos, 5.



Igreja Matriz (lado do nascente)

Na *Informação paroquial de 1721*, destinada à Academia Real da História, figura Aldeia das Dez como uma das paróquias do antigo arcediagado de Ceia, do

Bispado de Coimbra. Ali se lê:

«A igreja de S. Bartolomeu de Aldeia das Dez é curato anual. Há nesta freguesia cinco capelas, que são de Santo Amaro, de S. Lourenço, de Santo Antão, de S. Francisco, e de Santa Maria Madalena, todas do povo.

«Há mais outra capela de Santa Margarida com obrigação de vinte missas cada ano e uma cantada, de que foi instituidor Sebastião Luiz, viúvo, e hoje é administrador Bernardo Luiz.

«Há também uma em o casal do Vale de Maceira com a invocação da Senhora das Preces, a qual é muito freqüentada de gente de diversas partes, por razão dos contínuos milagres que experimentam por intercessão da mesma Senhora, e esta capela é do Ver.º Cabido.

«Há na igreja uma relíquia de Santo Teodoro com autêntica certidão de Roma.

«Tem a freguesia quinhentos fregueses. Há três livros de baptizados, casamentos e defuntos, e o mais antigo não se pode vir no conhecimento de quando principiou por lhe faltarem muitas folhas e ter outras rasgadas, e o segundo e este se mostra principiar no ano de 1637».

Por sua vez o *Dicionário Geográfico do Padre Luiz Cardoso*, impresso em 1747, refere-se, no I.º vol., a Aldeia das Dez nos seguintes termos:

«Aldeia das Dez – Lugar da Província da Beira. Bispado de Coimbra, arcediagado de Penela (1) comarca

(1) É erro. Foi sempre do arcediagado de Ceia. Mas o erro explica-se. É que, por vezes, o arcediagado de Ceia, vagava, como os outros, e entretanto seria encarregado dele o arcediagado de Penela. Assim é que, por exemplo, o Dr. António Bernardo Tavares da Fonseca, prior e arcepreste de S. Miguel de Penela, visitou Avô,

da cidade da Guarda e termo da vila de Avô; é d'El-Rei e tem cem fogos; está situado em uma costa virada para Norte, da qual se descobre Alvôco de Várzeas e Santa Ovaia; a Paróquia é de uma só náve, está fundada dentro do lugar; é seu orágo São Bartolomeu Apóstolo com sua Irmandade; tem três altares, o maior em que está o Santíssimo, da parte da Epístola o Altar das Almas, e da do Evangelho, o Altar da Senhora do Rosário: é curato que apresenta o Cabido da Sé de Coimbra; a porção que tem de rendimento são 8.000 réis, fora o pé de altar. Há neste povo uma Ermida da invocação de Santa Maria Madalena e outras mais em várias povoações da freguesia, à qual pertencem os lugares seguintes: Porto de Móz, Avelár, Chão de Sobral, Colcorinho, Vale de Maceira, Casal do Goilinho e Gramassa. Recolhem os mordomos desta freguesia milho, centeio, feijões, castanha, que de todo este género é fértil o terreno. Passa perto deste lugar o rio Alquete”.

Já agora registemos também aqui o pedido da Informação Paroquial de 1758, dicionário manuscrito da Torre do Tombo, a respeito de Aldeia das Dez;

«Aldeia das Dez é uma Paróquia do termo da vila – Avô – na comarca Arganil. O seu povo consta de Portugal Sacro de 198 fogos, repartidos por 8 lugares, sendo principal o mencionado por estar nele a Igreja Matriz, dedicada ao Apóstolo São Bartolomeu.

O paroco é cura anual de apresentação do Cabido de Coimbra e tem congrua 85.000 réis. Proximo à freguesia

como visitador do arceidiagado de Ceia em 1783 (Livro de Receita e Despesa da capela de Nossa Senhora dos Anjos, de Avô).

passa o rio Alquete e o terreno é fértil de milho, feijão, centeio e castanhas».

A freguesia tem actualmente 550 fogos, repartidos pelas seguintes povoações; Aldeia das Dez, Goulinho, Vale de Maceira, Gramassa, Chão Sobral, Avelar, Tapadas, Porto de Móz e Cimo da Ribeira.

Na Séde da freguesia há os seguintes monumentos religiosos:

A igreja Matriz, as capelas de Santa Maria Madalena e Senhora das Dores, dois cruzeiros, um dêles datado, o cemitério, e alguns nichos de alminhas.

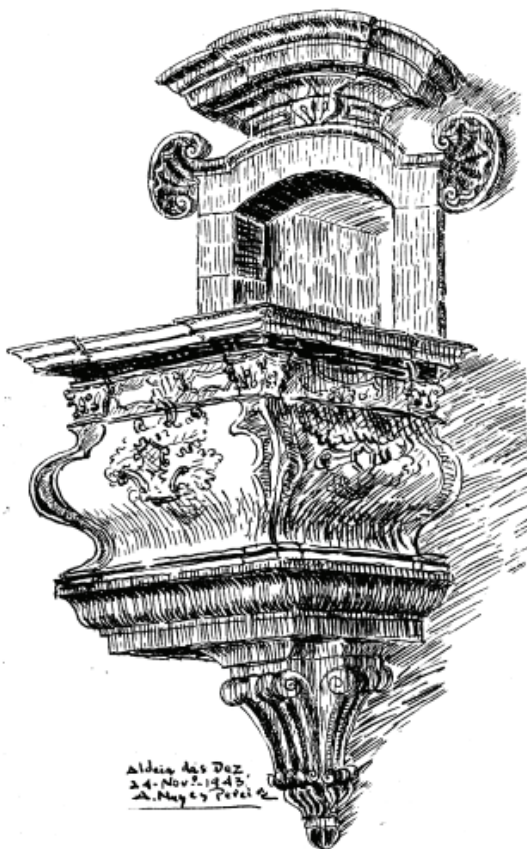
A Igreja está sobranceira à povoação. Tem um adro gradeado de ferro, que é um soberbo miradoiro. À direita o Santuário de Nossa Senhora das Preces, e mais em cima o Colcorinho. Mais em frente a serra da Estrela, com a garganta de Loriga escancarada, e vendo-se mesmo parte da povoação de Loriga. Em baixo o Alva, que na Ponte das Três Entradas recebe as águas do rio Alvoco.

Vêm-se também Alvoco de Varzeas, parte de S.Jião, Cataira de São Paio, Senhor das Almas, Santa Ovaia e Vila Pouca da Beira.

É a igreja um formoso templo, de bela e imponente fachada e elegante torre que termina em cúpula bolbiforme de secção quadrada.

É construção do século XVIII.

Tem cinco altares, quatro dos quais tem boa talha da época; altar-mór, onde está o Santíssimo; dois colaterais, aos lados do arco cruzeiro, de Nossa Senhora do Rosário e de S. José, respectivamente do lado evangelho e do lado da epístola; altar que já foi do santíssimo, em capela



Púlpito da Igreja de Aldeia

lateral do lado do evangelho; fronteiro a êste o altar das almas, com um Cristo crucificado que deve ser do século XVII. Da mesma época devem ser as imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São José. Além destas, merecem

referência as imagens de S. Teodoro, S. Sebastião e Santo António, e as dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Estas duas últimas são do século passado. A do Sagrado Coração de Jesus foi feita no Porto na oficina de António de Almeida Estrela, e custou 55\$40, e mais 1.080 réis para a condução no caminho de ferro.

O resplendor de prata custou 16\$50 (1),

Os pés das maquetinas para estas duas imagens, e a maquetina do Sagrado Coração de Jesus importaram em 17.000 réis (11 de Maio de 1890). Foram feitos pelo artista José Tavares. Do mesmo artista é um caprichoso côro, que tomando por base de um dos púlpitos, vai avançando e alargando, sempre desenvolvendo talha em ramos, folhas e flores, até rematar numa bem burilada balaustrada. Prejudicando, embora, a pureza de estilo que a igreja presentava, não deixa de ser um trabalho curioso e digno de admiração.

Digno de nota é também o púlpito, de pedra e madeira. Os confessionários e a pia baptismal são igualmente dignos de menção.

Perto da igreja fica o cemitério, cuja porta ostenta a data de 1838.

Da parte de baixo da igreja está à beira da estrada a capela de Santa Maria Madalena, infelizmente abandonada, mas curiosa na sua arquitectura, e também curiosa e bela a imagem de Santa Maria Madalena.

Próximo fica um elegante cruzeiro, inaugurado a 3 de Maio de 1661; custou 6\$000, como nele se pode ler.

(1) Livro das contas da Associação do S. Coração de Jesus.

Junto dêle há uma fonte de certo aparato, com a data de 1892.

Quem vai de Avô para Aldeia pelo caminho velho capeado de largas pedras à moda romana, encontra, já



Cruzeiro

perto de Aldeia, da parte de baixo do caminho, um cruzeiro simples erguido sôbre um penedo. Êsse cruzeiro, cuja origem desconhecemos, é como o símbolo da

devoção dos canteiros ou cortadores de pedra que naquelas redondezas e em tôda a região de Aldeia das Dez se dedicam ao mister de arrancar da montanha o duro e precioso granito, donde fazem pias, cilindros, cantarias para construção civil, etc.

Há nas freguesias várias capelas, além das do Santuário de Nossa Senhora das Preces. No Avelar, Santo Amaro; no Chão Sobral, S. Lourenço; no Colcurinho, povoação um pouco abaixo do pico do mesmo nome, Santo Antão; na Gramaça, S. Francisco de Assis; no Goulinho, S. Paulo.

Irmandades

Existiram noutros tempos as irmandades de S. Bartolomeu e das Almas. À primeira refere-se o P.e Luiz Cardoso, no seu dicionário impresso em 1747: «É seu orago S. Bartolomeu com sua Irmandade».

Mas parece que já em 1690 a Irmandade de S. Bartolomeu tinha desaparecido, ou estava em decadência, a perder irmãos, pois nos estatutos da Irmandade das Almas fundada nêsse ano, quando se trata de estabelecer o uso das insígnias para os irmãos, diz-se que os irmãos desta Irmandade das Almas tenham suas vestes brancas de Baêta, e os que já foram irmãos da Irmandade de S. Bartolomeu, sôbre a veste verde trarão Murça de baêta branca. Por aqui se vê que as vestes da Irmandade de S. Bartolomeu, eram de côr verde.

A Irmandade das Almas acabou em 1937. A última acta foi em 14 de Fevereiro.

Hoje só existe na freguesia a Irmandade de Nossa Senhora das Preces, a que nos referimos no lugar próprio.

Há, porém, outras associações religiosas. Em primeiro lugar, a Associação do Sagrado Coração de Jesus, que tinha em Aldeia um centro pertencente ao Circulo da Pampilhosa da Serra. O Director Central em



Vista parcial de Aldeia das Dez

Portugal, P.e Luiz Prosperi, nomeou director do centro de Aldeia o P.e António Freire dos Santos Abranches, a 23 de Maio de 1891. A Associação tem-se mantido. Numa página do respectivo livro da receita e despesa lê-se o seguinte em letra garrafal:

«Restauração do Centro e nova vida
aos 30 de Setembro de 1900
Festa de 1ª Comunhão de Meninos.
Vinda do Conego M.A. Ramalho».

Desde há poucos anos existe também a Cruzada Eucarística das Crianças e duas secções, masculina e feminina da Juventude Agrária Católica.

Músicas

Houve nesta freguesia duas filarmónicas. Hoje existe uma, a que foi fundada pelo Dr. Correia.

Correio

Há um posto do correio com condução de malas para Avô. Há distribuição domiciliária todos os dias úteis. O correio para Aldeia vai endereçado por Avô.

Artistas

Aldeia das Dez foi terra de grandes artistas de talha. Os seus nomes, porém, perderam-se, porque geralmente nos livros de actas das irmandades e outras corporações não se mencionam os artistas que executavam as obras, mas apenas a quantia dispendida.

Apenas conhecemos os nomes de José Tavares, entalhador, e Manuel Gabriel da Fonseca, dourador.

O primeiro, filho de um modesto artista, aprendeu alguma coisa com o pai. Mas êste faltou-lhe cedo antes que êle estivesse completamente habilitado. Fêz várias Tribunas para diversas igrejas e capelas, algumas de grande aparato, outras de singular delicadeza.

Igrejas da Covilhã, de Seia, de Penalva, da Varzea de



José Tavares, grande artista entalhador

Góis, de Aldeia das Dez, de Nossa Senhora das Preces possuem obras deste talentoso artista que soube criar um estilo seu, transformando a antiga talha cheia de coisas extravagantes em flores e festões tirados da natureza (1).

(1) No jornal O Bussaco, publicado no Luso, número 29, de 25 de Junho de 1903, vem um artigo escrito por José Lencastre, sobrinho de José Tavares, acerca deste mesmo artista. O artigo é acompanhado de um retrato. No retrato que publicamos vê-se o artista com as goivas e estojo, e tendo aberto o livro Regras das cinco ordens de arquitectura segundo os princípios de Vignola. Esta fotografia foi tirada em 1901.

E tanto fazia uma grande tribuna de altar-mór, como lavrava delicadamente um jôgo de castiçais, a moldura para um quadro ou as costas de uma cadeira.

Manuel Gabriel da Fonseca, contemporâneo de José Tavares, foi um hábil dourador. Dourou altares e capelas no Santuário de Nossa Senhora das Preces, como já vimos, e em muitas outras partes. Na igreja de Côja, por exemplo, dourou os dois altares colaterais em 1902, e a douradura ainda hoje se conserva quási como nova.

Mas quantos outros artistas não terão havido em Aldeia das Dez, cujos nomes não passaram à história? Pena é que essa tradição de entalhadores e douradores se tenha perdido.

Versos dedicados ao Cabeço do Colcurinho e a Nossa Senhora das Pressas ⁽¹⁾

*No informe barro Damasceno
Obra hum infinito poder
Para animado sempre louvar
O Eterno que lhe deu novo ser.*

*Adam aquele primeiro homem
Que felizes nos podia fazer,
Desobediente à lei Divina,
A condenação nos quis merecer.*

*Mas hum Deos Misericordioso
A salvação nos quer inda dar,
Decretando eternamente
O fazer-se homem e incarnar.*

*Para nos salvar escolineo
Huma virgem santa e pura,
Que a seus pés esmagasse
A cabeça da serpente dura.*

(1) Entre uns documentos antigos encontramos um folheto com êstes versos. Não teem data, nem autor, mas devem ter sido feitos talvez por algum padre, possivelmente pelo P. Paulo da Fonseca.

São curiosos pois celebram o aparecimento de Nossa Senhora do Colcurinho, o seu grande valimento e a sua transferência para o Vale de Maceira.

*Maria hé só a escolhida
Entre tôdas as filhas de Adam,
Para nos alcançar de Deos
A graça e das culpas o perdão*

*Maria aquela virgem santa
Nas montanhas se fez aparecer,
Porque em tôda a parte do mundo
De graças seus filhos quer encher*

*Lá no cabeço do colcurinho
Onde os ventos são esgremidôres,
Ali a Providência leva
Os rudes e humildes pastores.*

*Elles veneram a santa imagem
Entre duas rochas achada,
E assim se mostra a pastores
A Mãi de Deos Imaculada.*

*Alto cabeço do colcurinho
Grande é teu merecimento,
Pois hês escolhido por Maria
Para seu aparecimento.*

*Cabeço do Colcurinho,
Fonte perene de alegria,
Pois manam do teu alto
As graças e bênçãos de Maria.*

*Assim como em teu cume brilha
A aurora e a luz do dia,
Assim entre fragas aparece
O brilhantismo de Maria.*

*Alto monte do colcurinho,
Só tu viveste a ventura
De abrigares em tuas rochas
A mãe de Deos, mãe de ternura.*

*Passam mezes, anos e séculos
E preenchida a profecia,
Aparece, entre as rochas,
A ditosa virgem Maria.*

*Oh fraga amável e brilhante,
Quando és rica e preciosa,
Pois escondeste em teu seio
A Maria mística rosa.*

*Cabeço do Colcurinho,
Excelso monte de santidade,
Tu és o Tabernáculo
Da filha de Deos Padre.*

*Maravilhoso Colcurinho,
Tu és na verdade monte santo,
Pois em tuas fragas aparece
A Esposa do Espírito Santo.*

*Excelso monte do Colcurinho,
Tu de santidade és ornado,
Pois em ti se vai depositar
A Mãe do Verbo Incarnado.*

*Excelso elevado monte,
Tu já não deves ser colcurinho
És o lugar sagrado e santo
Da virgem Mãe de Deos menino.*

*Cabeço do Colcurinho,
Já pelo Eterno escolhido.
Para seres o alto trono.
Da virgem Mãi de Deos filho.*

*Monte frio e nevoso,
Tu és todo o nosso bem,
Tu és a primeira habitação
De Maria nossa terna Mãi.*

*Virgem Santa e Imaculada,
Que ditoso eu não seria,
Se alcançasse o vosso amparo
Na minha última hora e dia.*

*Mas que digo virgem santa,
Eu já confesso a vossa proteção,
Suposto que só mereço
Huma eterna condenação.*

*Vós sois huma mãe liberal
Que a todos beneficiais
De vossos filhos bons e máos
Ouvis seus suspiros e ais.*

*Todo o mundo inferno
Diante de vós aparece,
Rogando vos sua saúde
A enfermidade desaparece.*

*Chovem graças e bençãos
Aos rogos de Maria
Os pecadores se convertem
Em tôdas as horas do dia.*

*Pasma a terra, pasmam os céos.
Pasma a celeste gerarquia
Vendo os raros prodígios
Da gloriosa Virgem Maria.*

*Não há enfermidade alguma
Por mais que seja perigosa,
Que enterpondo-se Maria
Não haja uma pronta melhora.*

*Os doentes saram e melhoram
Mesmo na última agnoia,
Procurando com zelo e fervor
O socorro da Virgem Maria.*

*Os milagres são contínuos,
Nós os cantemos com alegria
Os doentes o experimentam
Fazendo súplicas a Maria.*

*Por toda a parte voa a fama
Dos milagres de Maria,
E por isso as pressas correm
Dos fieis com alegria.*

*Não embaraça o tempo,
Nem qualquer rigor da estação;
Correm ao mosteiro das Pressas
Com zelo fervor e devoção.*

*Louvemos todas a Maria
Que hé da Trindade templo
Dos anjos a alegria
E da pureza o exemplo.*

*Virgem Santa e Imaculada,
Exenta da culpa original,
Sois de amavel castidade
Hum simbolo perfeito e rial.*

*Naquele alto Colcurinho
O vosso culto não era duravel
O rigor dos tempos destruiu
O vosso templo tão amavel.*

*Sem desamparar o Colcurinho
Desceste ao Vale de Maceira
E ai dais aos vossos filhos
Huma proteção verdadeira.*

*Eu te respeito Vale de Maceira
Tu mereces toda a veneração
Pois a Virgem do Colcurinho
Te escolheu para habitação.*

*A visitar a Virgem das Pressas
Corre o mundo inteiro
Tomando por sua protectora
A Mãe de Deos Verdadeiro.*

*Eu espero Virgem das Pressas
No céu vossa vista gozar
Pois pela vossa proteção
Minha alma se hade salvar.*

*Assim todos esperamos
Do vosso poder, grande e forte
Guardai-nos virgem das Pressas
Agora e na hora da nossa morte.*

ÍNDICE

À maneira de prefácio	7
O Santuário de Nossa Senhora das Preces	9
Nossa Senhora das Preces na vida dos povos da Beira	22
A romaria de Senhora das Preces	28
Irmandade de Nossa Senhora das Preces	32
Obras feitas	37
O Santuário na Literatura	41
A Senhora das Preces no folclore popular	43
A Igreja de Nossa Senhora das Preces	46
As pinturas do tecto da sacristia	50
A Capela de Nossa Senhora das Necessidades	53
Outras capelas do Santuário	56
A captação e canalização da água	69
Outras obras	72
Nossa Senhora das Preces e o Terremoto de 1755	75
O que diz Frei Agostinho de Santa Maria sôbre a Senhora das Preces	82
Aldeia das Dez	89
Versos dedicados ao Cabeço do Colcurinho e a Nossa Senhora das Preces	105

Propriedade do Santuário
de
NOSSA SENHORA DAS PRECES

Reservados todos os direitos

Tipografia das «Mestres Franciscanas»
BRAGA